

Sesc



NÓS ARTE & CIÊNCIA POR MULHERES



Ana Teixeira
Antonia Dias Leite
Arissana Pataxó
Berna Reale
Camila Soato
Camila Sposati
Claudia Ferreira
Doralyce
Efe Godoy
Gabriela Noujaim
Hariel Revignet

Heloísa Marques
Katharina Welper
Laura Gorski
Marcela Cantuária
Marika Seidler
Mestra Japira Pataxó
Mônica Ventura
Paty Wolff
Priscila Roexo
Thatiana Cardoso
Yacunã Tuxá

agosto, 2024

Sesc Interlagos — São Paulo



“ Por muito
tempo na
história,

‘anônimo’
era uma
mulher. ”

— Virginia Woolf



Paradigma da presença

Garantir espaços nos registros históricos oficiais é uma demanda constante dos movimentos liderados por mulheres. As narrativas canônicas, contadas a partir de uma perspectiva masculina, minimizam os papéis destinados ao feminino, gerando apagamentos sistemáticos de suas contribuições e experiências. Superar o imaginário que coloca a presença feminina como coadjuvante ou inexistente é o que propõe a exposição **NÓS — Arte e Ciência por Mulheres**.

A mostra apresenta o vanguardismo e a criatividade de mulheres que contribuíram para diversas áreas do conhecimento, tanto no Brasil quanto no mundo, ressaltando a importância da representatividade para a criação de novos paradigmas. No cerne de um ideário que trabalhe a redução das desigualdades estão ações que sublinham a importância do pluralismo, da resistência e do acesso a direitos políticos, econômicos e sociais, além da demarcação também do direito à existência histórica.

Ao incentivar práticas que resistam aos imperativos dos discursos dominantes, promove-se um esforço para a construção de uma memória coletiva menos excludente. Assim, por meio dessa exposição, o Sesc reitera seu compromisso com um projeto sociocultural e educativo, que em diálogo permanente com as demandas sociais, reconhece no protagonismo feminino um motor para a diversidade nos campos da arte contemporânea e da ciência. Nesse sentido, ampliar o debate sobre a construção social de gênero é elemento fundamental para a compreensão das relações estabelecidas pela vida cotidiana.

A busca pela equidade pressupõe uma ação cultural questionadora, prerrogativa de um mundo em constante movimento. Ao desafiar a escolha de papéis sociais estabelecidos por bases hegemônicas, a sociedade se implica em um processo educativo de viés democratizante, que reconhece plenamente as contribuições das mulheres e coloca em xeque a normalização de certas ausências.

Luiz Deoclecio Massaro Galina
Diretor do Sesc São Paulo



Arte e ciência são substantivos femininos, assim como *liberdade, resistência e rede*.

As mulheres sempre fizeram parte da história da ciência. Desde a sabedoria ancestral até a produção acadêmica dos dias de hoje, nós, mulheres, escrevemos, curamos, catalogamos, criamos, inventamos, analisamos e, sobretudo, lutamos.

Enquanto nos lançamos na produção de conhecimento, somos ao mesmo tempo excluídas da história, esta ciência que, como a física, a matemática e todas as outras, tem sua narrativa institucional construída majoritariamente por homens e a partir de uma visão ocidental. A insistência numa sociedade binária coloca em polos opostos universos femininos e masculinos e, supondo habilidades específicas para cada gênero, restringe possibilidades e futuros, especialmente para as mulheres.

NÓS — Arte e Ciência por Mulheres

apresenta um recorte na história da ciência que, na medida do possível, se soma a tantas outras iniciativas pela valorização da magnitude feminina. Não sem a angústia de saber que qual-quer sala de exposição, por maior que seja, jamais daria conta de apresentar todas as contribuições de mulheres produtoras do conhecimento.

Conhecer a história das mulheres na ciência muda a todes nós porque significa conhecer também os

descaminhos, as ausências e os silenciamentos. Repassar essa história é o caminho para a emancipação. Ampliando nossas redes, elaboramos novas formas e possibilidades de criar, de ser e de estar no mundo. Livres e potentes!

Desenvolvido por muitas mulheres, o projeto, que também tem um teor de denúncia, entrelaçou teorias e áreas do saber. Indo da história das ciências aos marcos do feminismo e às revoluções sociais, confirmamos a já popular frase: "Lugar de mulher é onde ela quiser!".

Ao longo do caminho, descobrimos que as chaves para a mudança estão na revisão da abordagem histórica, que aponta para novos rumos, pensamentos e práticas sociais. Como diz Teresa Cunha, "**para que possamos nos transcender no potencial de todas e de cada uma de nós, almejamos ao poder de definir o que é o poder. O poder como energia, vitalidade, vigor e valentia, para mudar o que queremos e precisamos mudar**".

NÓS é também um chamado à participação e à inclusão. Convidamos todes à reflexão e à participação ativa, diária, contínua, entendendo que, em todas as nossas escolhas, podemos contribuir, avançar e desatar nós.

estúdio M'Baraká

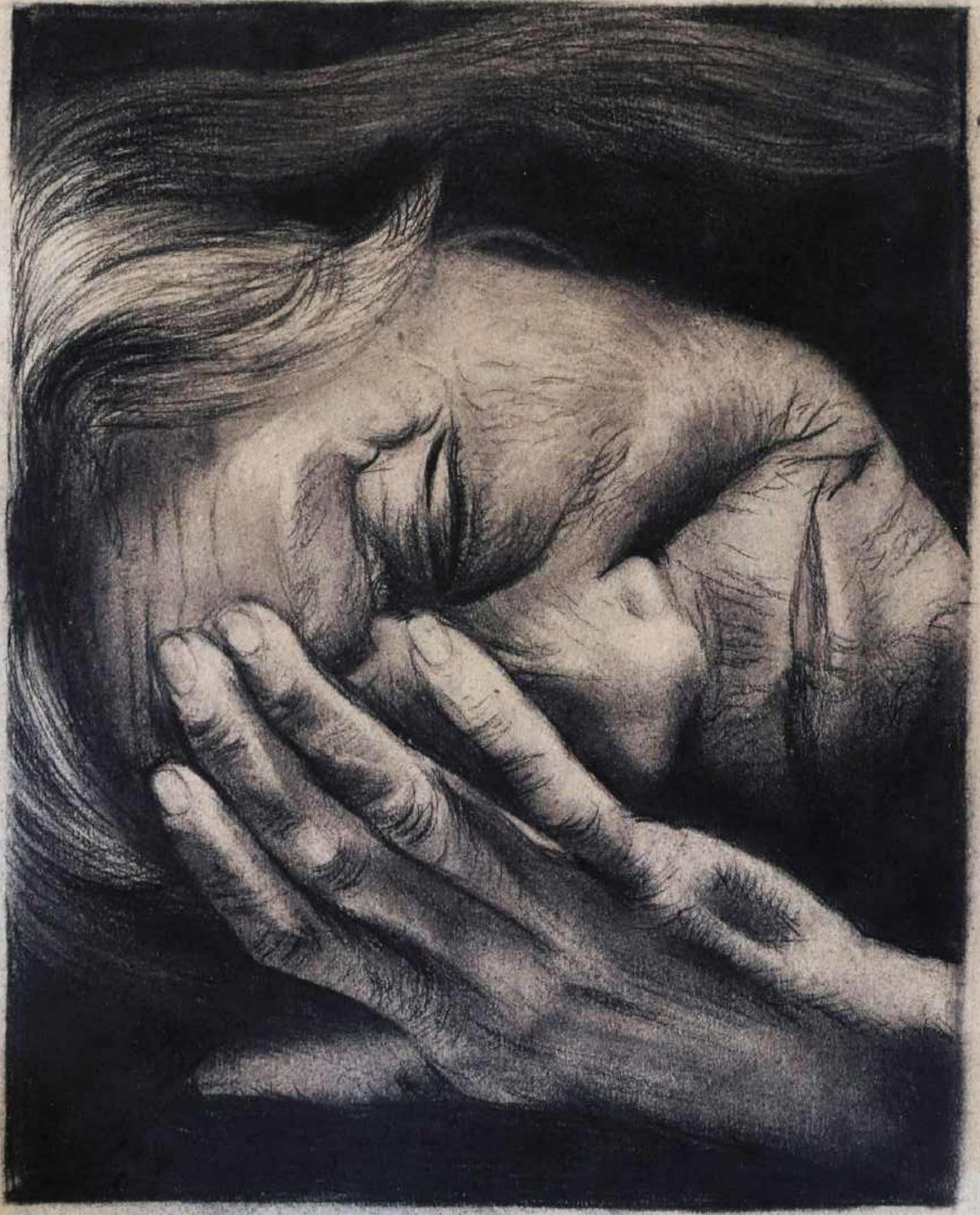
curadoria

“A ciência moderna ocidental transformou os muitos mundos que há no planeta Terra em um único mundo possível, destruindo ou fazendo não existir territórios, idiomas, civilizações, cosmovisões, filosofias, seres tangíveis e intangíveis... Para ela só cabe um mundo, ou seja, gera a invisibilidade do pluriverso que existe... E as mulheres em tudo isso, de todas as idades e todos os rincões do mundo, são pensadas e representadas como seres com menos dignidade humana, incapazes e cujo papel principal é aceitar, sem dúvida ou protesto, a proteção de seus pais, tios, maridos e irmãos.”

— Teresa Cunha

ARISSANA PATAXÓ
(Porto Seguro, BA, 1983)
A artista plástica, da etnia Pataxó, desenvolve uma produção artística em diversas técnicas abordando a temática indígena como parte do mundo contemporâneo. Junto a Denilson Baniwa e Gustavo Caboco, foi curadora do pavilhão Hãhãwpuá, na Bienal de Veneza de 2024.

**ARISSANA PATAXÓ —
DONA JOSEFA, 2006**



**“Monstro de três cabeças:
colonialismo, capitalismo e
patriarcado. Vocábulos tão
coloniais, tão ocidentais,
mas é o que eu conheço
para dizer o que quero.”**

— Teresa Cunha





A INVENÇÃO DA BRUXA

Aos poucos, a feiticeira torna-se bruxa na Europa: parteiras, curandeiras e benzedoras eram personagens comuns no século XIV. No entanto, suas práticas passaram a ser um entrave para o monopólio religioso, reivindicado pela Igreja Católica, e para a manutenção da lógica patriarcal.

Gradativamente, símbolos foram atribuídos à imagem pejorativa da bruxa, reafirmando o local social das mulheres. A vassoura é o principal elemento dessa iconografia e representa tanto o ambiente doméstico quanto sua sexualidade indomável, pronta para alçar voo.

A sabedoria e a autonomia feminina atormentavam o ego masculino, confrontando a sociedade medieval e

organizando o que pode ser entendido como o crime que institucionaliza o patriarcado: a Inquisição. As mulheres tinham circulação e atuação restritas, e a Inquisição foi a fórmula dramática de educação social: qualquer mulher que se desviasse das normativas estabelecidas seria uma bruxa. As mulheres não poderiam, especialmente, exercer a mediação com o sagrado, a sexualidade ou atividades relacionadas à cura. Mulheres que transitavam nesses universos eram consideradas afrontosas, e o castigo passou a ser a fogueira. As mulheres desertoras eram vistas como pactuadas com o diabo, numa lógica de marginalidade atrativa, em que tudo que é feminino é metáfora para o indício de má moral.

“As imagens das índias não foram somente ‘colonizadas’ pelo olhar demonológico lançado a partir das bruxas europeias, uma vez que elas também protagonizaram e introduziram novos elementos visuais e morais na composição das bruxas. O caldeirão, o infanticídio canibal ou a antropofagia, a nudez, a dança circular e o grupo de mulheres são elementos que as Tupinambás ora inauguram, ora despertam na iconografia europeia.”

— Isabelle Anchieta



HARIEL REVIGNET (Goiânia, GO, 1995)

Graduada e mestranda em Arquitetura e Urbanismo, Hariel conceitua suas pesquisas artísticas como *Axétetura*. Em diásporas entre Gabão e Brasil, seu trabalho é autobiográfico. Construir imagens, ativar memórias possíveis, demarcar no inconsciente coletivo territórios originários, esfumear fronteiras, queimar ervas para curar feridas coloniais e o emergir das águas que confluem.

HARIEL REVIGNET — AGOMBENERO — RIZOMAS, 2020



Mestra Japira (Aldeia Barra Velha —
Porto Seguro, BA, 1962)

Pajé da aldeia Novos Guerreiros, entre
Porto Seguro e Santa Cruz Cabralia,
Japira exerce uma singular função
junto à sua comunidade: é conhece-
dora e educadora das histórias,
tradições e tecnologias do povo
Pataxó, dos rituais, da cura, das rezas
e dos cuidados. Foi reconhecida
em 2022 como doutora em Educa-
ção por Notório Saber pela UFMG e
atualmente é professora convidada
na UFBA.

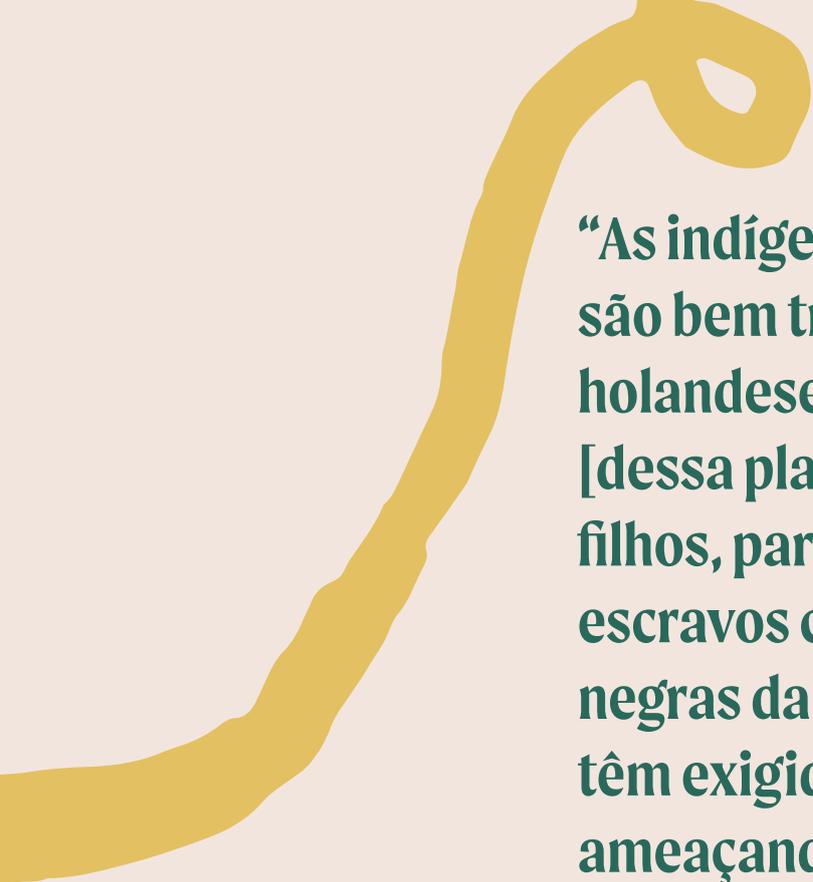
“As plantas me chamam, é
como um ímã para mim, elas
mostram seus saberes e forças
para mim. O que eu aprendi
sobre elas veio do espírito dos
antepassados e da conversa
com os mais velhos.”

— Mestra Japira

JAPIRA PATAXÓ — A MATA DO
PÉ DO MONTE PASCOAL, 2022





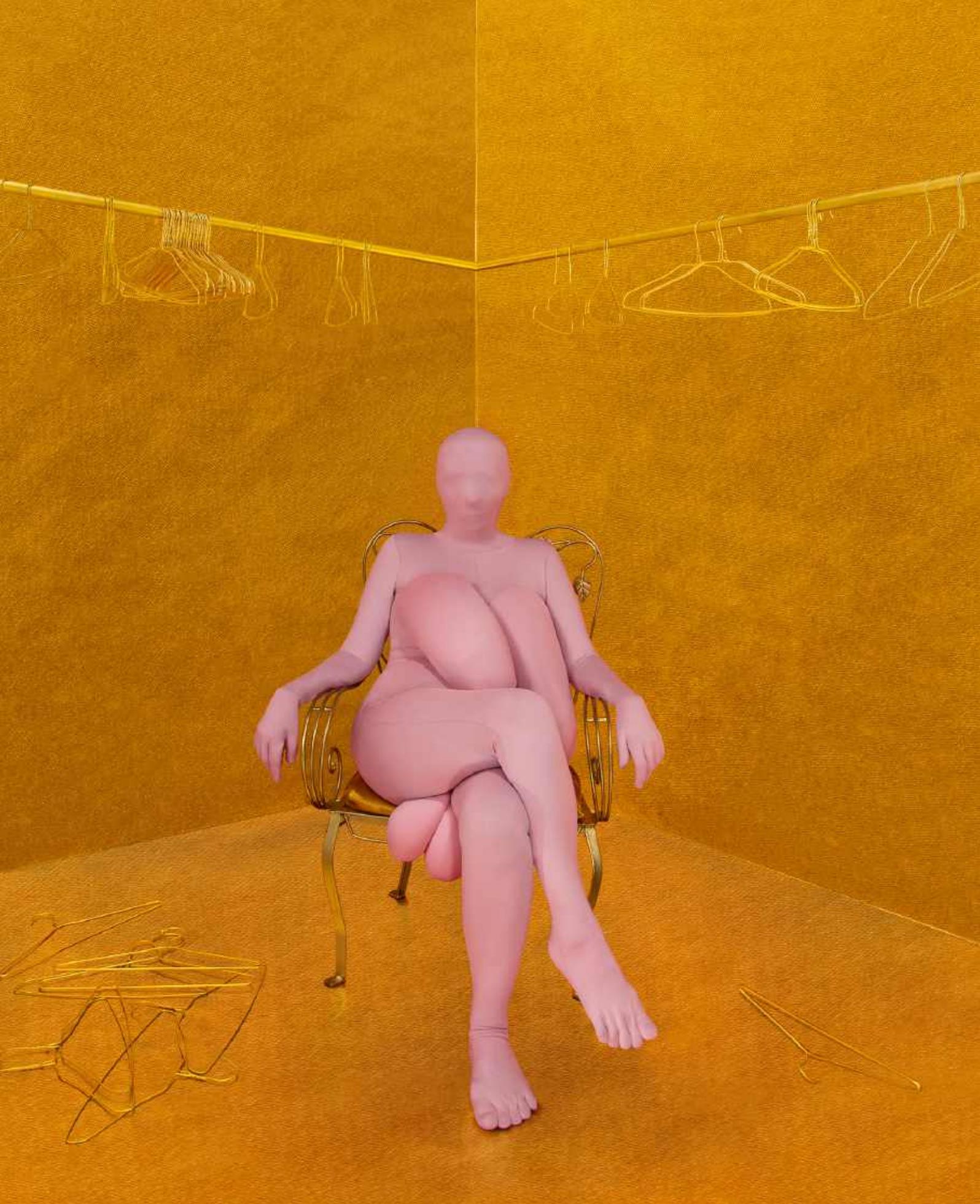


“As indígenas e africanas, que não são bem tratadas por seus senhores holandeses, usam as sementes [dessa planta] para abortar seus filhos, para que não se tornem escravos como elas. As escravas negras da Guiné e de Angola têm exigido ser bem tratadas, ameaçando recusar-se a ter filhos... Elas mesmo me contaram isso.”

— Maria Sybilla Merian

Maria Sybilla Merian (1647 - 1717)

Nascida em Frankfurt, na Alemanha, Maria Sybilla Merian destacou-se como artista e naturalista. Aprendeu arte com seu padrasto e seus irmãos e concentrou-se em criar ilustrações detalhadas de flores e insetos em seu hábitat natural. Maria e a filha viajaram para o Suriname em 1699 para estudar a vida selvagem e voltaram para Europa com uma coleção de muitos desenhos, animais e insetos preservados. Seu trabalho foi usado por Carl Linnaeus para descrever muitas espécies que ele nunca tinha visto, quando criou seu sistema de classificação de espécies, 30 anos depois da morte da naturalista. A produção de Merian demorou a ser reconhecida, mas em 2018 uma nova espécie de borboleta foi nomeada em sua homenagem. Seu rosto já estampou cédulas na Alemanha e, atualmente, seu legado é celebrado em selos postais.



GÊNERO COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

A confusão entre sexo e gênero é fruto de uma naturalização histórica. Se a biologia define o que é um macho e uma fêmea, a decodificação de masculino e feminino é de cunho social. Os papéis pressupostos para homens e mulheres são resultado de uma narrativa binária de gênero que se esforça tanto para manter uma relação hierárquica quanto para excluir qualquer outro espectro de identidade.

Nesse sentido, o “ser mulher” vem acompanhado de uma carga simbólica marcada por restrições: isso é coisa de mulher, aquilo é coisa de homem.

A historiadora Gerda Lerner afirma ainda que gênero é uma fantasia, uma máscara, uma camisa de força na qual homens e mulheres dançam sua dança desigual.

Para as mulheres, existir sempre foi resistir: “Desde que há uma mulher na sociedade, há uma vontade de autodeterminação”, escreveu a socióloga Isabelle Anchieta. Mas a luta pelo rompimento com as restrições impostas pelos padrões de gênero é de todes, concebendo alternativas para a narrativa binária que reforça exclusões e opressões e apontando para novas formas de existir, ser e estar no mundo em corpos e possibilidades.

BERNA REALE (Belém do Pará, PA, 1965)

Vive e trabalha em Belém, na Amazônia brasileira. Reale usa a semiótica para falar de questões sociais. Suas *performances*, fotografias e seus vídeos são marcados pela abordagem crítica aos aspectos materiais e simbólicos da violência e aos processos de silenciamento presentes nas mais diversas instâncias da sociedade.

**BERNA REALE — SEUS MOLDES
NÃO ME SERVEM, 2019**

“O problema com gênero é que ele determina quem deveríamos ser em vez de reconhecer quem somos. Imagine o quanto felizes seríamos, o quanto livre seríamos para sermos nós mesmos, se não tivéssemos o peso das expectativas de gênero.”

— Chimamanda Ngozi Adichie





EFE GODOY (Sete Lagoas, MG, 1988)

Artista visual míope, transvestigenera, ela/dela, Efe pesquisa hibridismo em suas variadas linguagens, em vídeo, objeto, desenho, pintura e *performance*, com ênfase em recortes de memórias da infância e fabulações espontâneas. Desenha todo dia.

EFE GODOY — HÍBRIDAS HÍDRICAS, 2021



POVOS DO RIO TIQUIÉ

Desenho do ciclo anual das comunidades do rio Tiquié, elaborado a partir dos diários dos Agentes Indígenas de Manejo Ambiental (AIMAs) e desenhado por eles mesmos.



ENTRE O CÉU E A TERRA

A observação das constelações astronômicas é uma atividade pré-histórica relacionada a conhecimentos ancestrais e práticas de manejo da terra. Para alguns povos indígenas, é por meio dela que se pode compreender e antecipar fenômenos naturais e ciclos biológicos, como o ciclo das águas, o ciclo de vida dos peixes e o calendário agrícola.

Para os povos indígenas do rio Tiquié, no Noroeste Amazônico, o ano começa no início de novembro com a Enchente da Jararaca (*Aña poero* em tukano).

No céu, formam-se também a anta, a ema, a cobra, o veado, a seriema, o jabuti, o tatu, o tamanduá e outras constelações.

Essas constelações foram observadas também por astrônomas, muitas vezes amadoras, que embora não conseguissem formalizar seus estudos, contribuíram enormemente para as descobertas sobre o céu e a terra.

COMETARUM VARIÆ FIGVRE

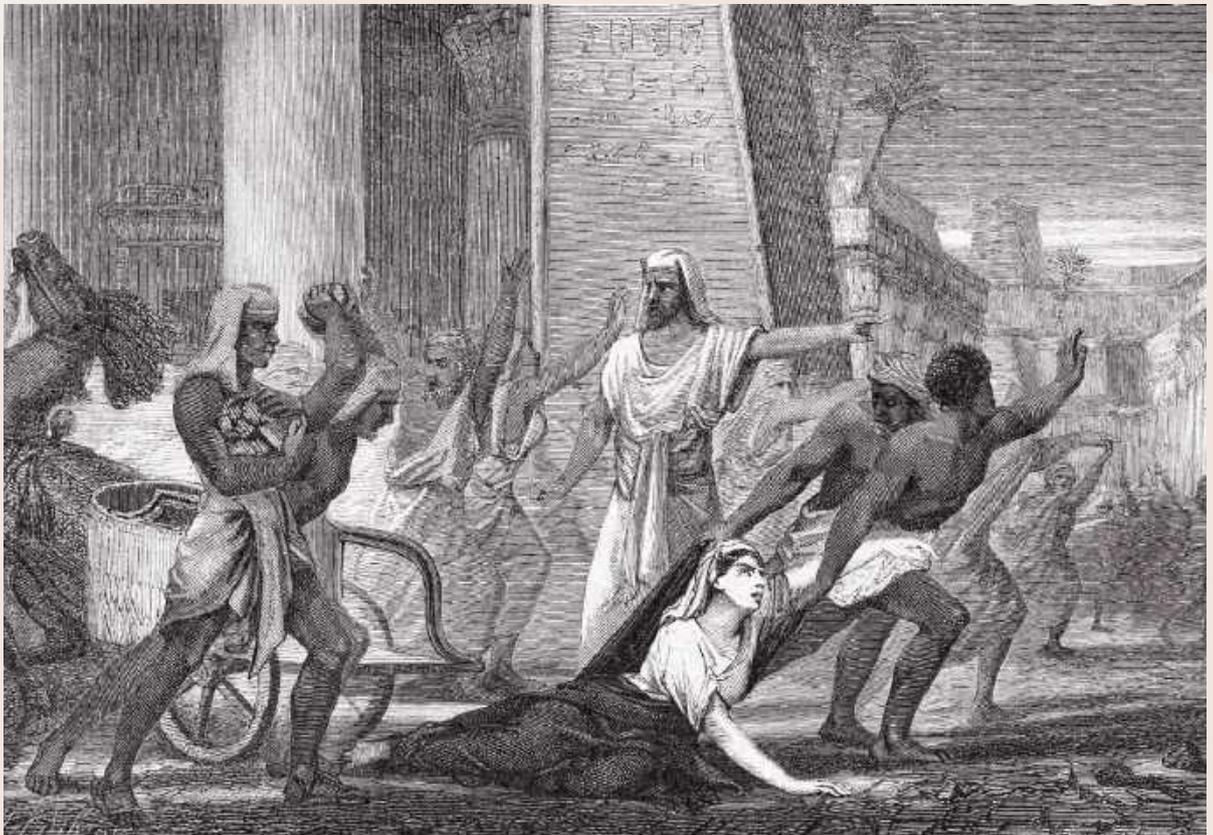


Hipátia (c. 370-c. 415)

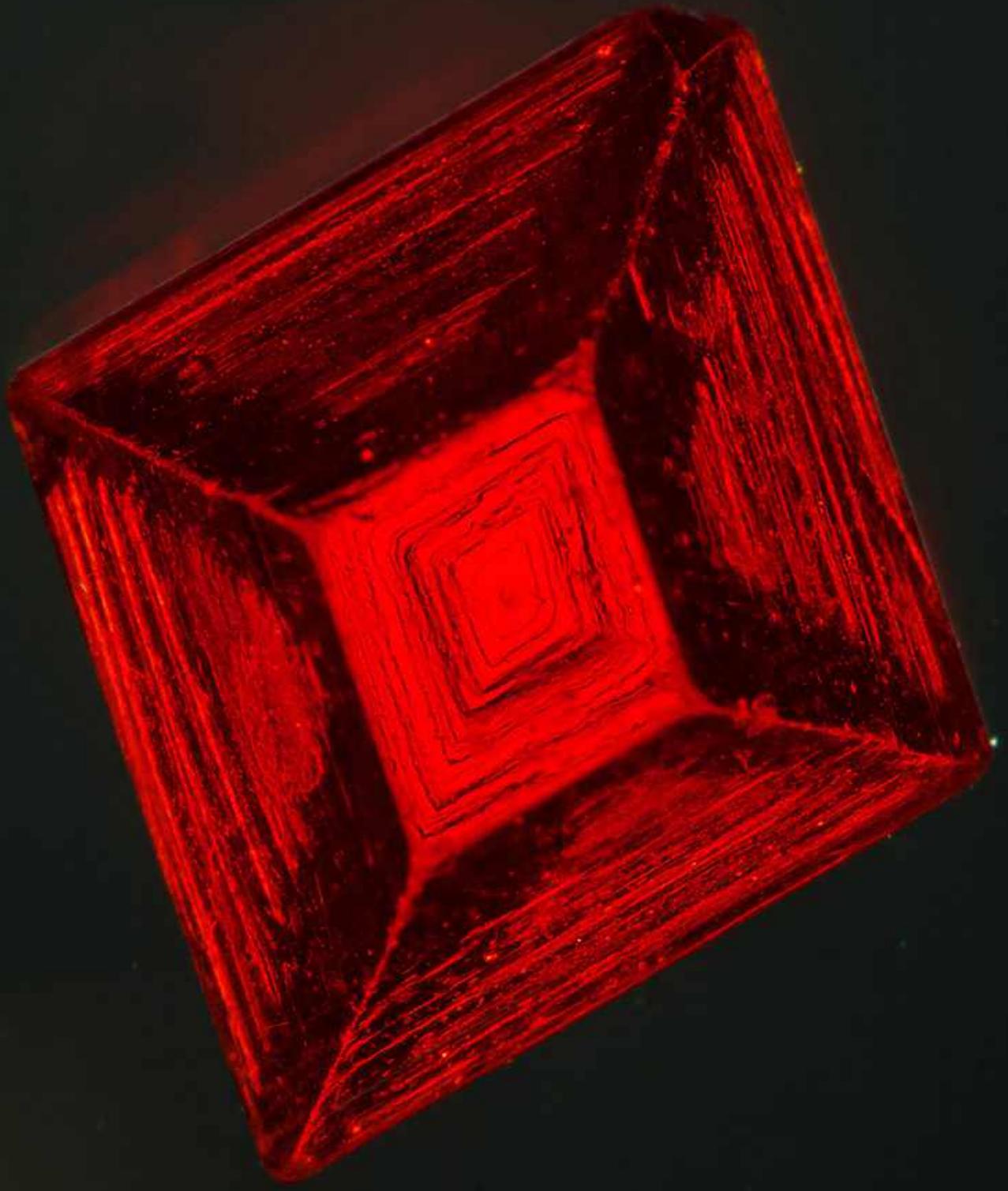
Hipátia de Alexandria é considerada a primeira mulher matemática na história. Nasceu em Alexandria, no Egito, e dedicou-se ao estudo de diversas áreas do conhecimento, como filosofia, matemática, astronomia e poesia. Sua sabedoria e sua influência política numa Alexandria cristã e violenta foram os motivos de sua morte. Em 8 de março, coincidentemente o Dia Internacional da Mulher, ela foi arrastada pelos cabelos, torturada até a morte e depois lançada em uma fogueira.

Maria Eimmart (1676-1707)

Maria Clara Eimmart foi uma astrônoma alemã filha do pintor, gravador e astrônomo amador Georg Christoph Eimmart. Aprendiz de seu pai, recebeu ampla educação em francês, latim, matemática, astronomia, desenho e gravura. Elaborada exclusivamente a partir de observações por meio de um telescópio, sua série com mais de 350 desenhos das fases da Lua tornou-se a base para um novo mapa de nosso satélite. Embora não haja evidências concretas, algumas fontes históricas afirmam que Eimmart publicou uma importante obra sobre a contemplação do céu, sob o nome de seu pai, em 1701.



Autor desconhecido — *A morte da filósofa Hipátia*, 1866.



DA ALQUIMIA À QUÍMICA

Desde o despertar da consciência, a humanidade investiga as relações cósmicas com a matéria. Enquanto a ciência moderna ainda não existia, a alquimia distinguia-se pouco da medicina ou da religião, mas sua prática de experimentação forneceu as bases para a ciência analítica e experimental.

Com base na existência de um agente transformador, o alquimista seria capaz de enobrecer os metais, transformando-os em ouro. Além da química, a alquimia precede também a psicologia, indicando a transformação do indivíduo do estado de “pedra bruta” à união da consciência em si mesmo.

Apesar de esse conhecimento constar na vida medieval, a alquimia ainda era recebida com ressalvas pela sociedade. Sua simbologia representava uma ameaça à cultura cristã, cuja busca por verdades universais restringiu os meios de produção científica. Qualificada como bruxaria, no século XVIII, a alquimia separou-se da química, que se institucionalizou como área da ciência.

CAMILA SPOSATI

(São Paulo, SP, 1972)

Os trabalhos da artista investigam processos de transformação e energia. Ela examina processos em escala microscópica e global. Sposati justapõe processos materiais naquele primeiro instante em que algo começa a se transformar e quer ser outra coisa. Transformação pura e simples como no crescimento do cristal ou explosões de fumaça colorida.

**CAMILA SPOSATI — ESCULTURA DE
FERRICIANETO DE POTÁSSIO, 2007**



LA CHIMIE

C. W. Cochon delin. ms.

L. De Ghendt. sculp.



Autor desconhecido — A química, 1890



Marie Lavoisier — *Lavoisier em seu laboratório, 1790.*



Marie Curie (1867-1934) e Irène Curie (1897-1956)

Marie Curie nasceu na Polônia e estudou na França, onde conduziu pesquisas pioneiras sobre radioatividade. Foi a primeira mulher a ganhar um Prêmio Nobel. Não foi considerada entre os concorrentes, mas seu marido, assistente de Curie, recusou-se a receber o prêmio sem ela. Marie também venceu o Prêmio Nobel de Química pela descoberta dos elementos rádio e polônio. Sua filha, Irène Curie, seguiu os passos dos pais e recebeu, com o marido, Frédéric Joliot-Curie, o Prêmio Nobel de Química em 1935 por sua descoberta da radioatividade induzida. Mãe e filha escreveram juntas o verbete sobre o elemento rádio na *Encyclopaedia Britannica*, mencionando que a radioatividade emitida pelo rádio causa “uma destruição seletiva de certas células e pode ter consequências muito perigosas” — uma propriedade tristemente demonstrada anos depois, quando Marie Curie e depois Irène Curie morreram de leucemia, possivelmente provocada pela exposição a tal radiação.



Marie Anne Lavoisier (1758-1836)

Marie-Anne Pierrette Paulze, também conhecida como Marie Lavoisier, foi uma cientista, ilustradora e tradutora francesa. É considerada pioneira na química moderna pelas experiências sobre respiração e combustão de enxofre e fósforo que realizou com o primeiro marido, Antoine Lavoisier. Traduziu importantes obras do latim e do inglês e tornou-se a ilustradora mais importante dos escritos de Lavoisier. Suas ilustrações das experiências que conduzia eram tão detalhadas e precisas que serviram de modelo para os ilustradores de desenhos científicos da época.

O Lar Domestico



Laemmert & Cia
Editores
Rio de Janeiro e S. Paulo.

	PAGINAS
3.º Como se limpam os tapetes	276
4.º Como se limpam as vidraças e os espelhos .	278
5.º Como se lavam as portas	280
6.º Como se limpa o marmore	280
7.º Como se limpam os ladrilhos	281
8.º Garrafas de crystal	282
9.º Processo para purificar o oleo de terebentina	282
10. Como se limpa a roupa de homem	283
11. Como se limpam as escovas	285
12. Processo para tingir o musgo	286
13. Como se limpam as luvas	286
14. Como se lavam meias de seda	288
15. Como se lavam fitas de seda e de velludo .	289
16. Processo para lavar flabella branca	290
17. Processo para lavar merinó branco	290
18. Processo para tornar incombustivel o vestuario	291
19. Processo para lavar a seda branca	291
20. Como se lavam as rendas brancas	292
21. Como se limpam as rendas pretas	293
22. Como se lavam véos pretos	293
23. Processo para renovar fazendas pretas	294
24. Como se limpam pentes e grampos de tartaruga	295
25. Como se limpa o encerado	295
26. Como se limpa o linóleo	295
27. Como se limpam as esteirinhas	296
28. Conservação do calçado	297
29. Processo para olear o soalho	298
30. 2.º Processo para olear o soalho	299
31. Processo para encerar o soalho	300
32. Processo para lavar cortinas de renda	302
33. Como se limpam os lampeões	306
34. Infusão insecticida	307
35. Como se limpam objectos de cobre dourado .	308
36. Como se limpam objectos de bronze dourado	309
37. Objectos de cobre	309

“Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem; com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo.”

— Maria Firmina dos Reis

Maria Firmina dos Reis (1822-1917)

Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís, no Maranhão. Foi uma escritora pioneira entre as romancistas negras do Brasil. Em 1859, publicou *Úrsula*, primeiro romance abolicionista do país. Muito ativa na comunidade intelectual do Maranhão, trabalhou na imprensa local e também como compositora. Fundou ainda uma escola gratuita e mista, contribuindo para a igualdade de gênero na educação. Embora seja a única mulher representada entre os bustos de importantes escritores maranhenses, em São Luís, apenas em 2022 foi homenageada em um importante evento literário — a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), no Rio de Janeiro.

Heleieth Saffioti (1934-2010)

Heleieth Lara Bongiovani Saffioti foi uma socióloga marxista, professora e militante feminista brasileira. Graduou-se em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP) e fez doutorado na Universidade Estadual Paulista (Unesp), defendendo a tese “A mulher na sociedade de classe: mito e realidade”. Foi professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professora visitante na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde criou um Núcleo de Estudos de Gênero, Classe e Etnia. Em 2005, foi incluída na indicação coletiva de 1.000 Mulheres para o Prêmio Nobel da Paz, feita pela organização suíça Mulheres pela Paz ao Redor do Mundo.

Nísia Floresta (1810-1885)

Dionísia Gonçalves Pinto nasceu no Rio Grande do Norte e é considerada a primeira feminista brasileira. Sob o pseudônimo de Nísia Floresta, escreveu *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, tradução livre da feminista inglesa Mary Wollstonecraft em que a intelectual nordestina apresenta suas próprias reflexões sobre a conservadora sociedade brasileira do século XIX. Nísia defendeu publicamente a emancipação feminina e, além de escrever para a recém-lançada Imprensa Nacional, fundou uma escola na cidade do Rio de Janeiro, o Colégio Augusto, que viria a ser um marco na história da educação de mulheres no país.



Retrato de Nísia Floresta, publicado em *Mulheres illustres do Brasil*, 1889.

“Enquanto pelo velho e novo mundo vai ressoando o brado — Emancipação da mulher! —, nossa débil voz se levanta na capital do Império de Santa Cruz, clamando: EDUCAI AS MULHERES! Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo?”

— Nísia Floresta



“Desde a expansão da Europa mercantil, no século XVI, os povos periféricos foram exterminados, dominados ou silenciados. Com isso perderam-se modelos alternativos de florescimento das civilizações. É hora de os últimos serem os primeiros. Esta pode vir a ser a nova contribuição do índio à cultura brasileira. Isto é, na medida em que a consciência da exploração étnica desperta a consciência de classe, e, conseqüentemente, a conscientização política. Só então poder-se-á institucionalizar a presença indígena na nacionalidade com gozo pleno de sua cidadania, mediada pela condição tribal.”

— Berta Ribeiro

YACUNÁ TUXÁ

(Rodelas, BA, 1993)

Yacunã é uma artista visual e ativista brasileira originária do povo Tuxá de Rodelas, no sertão baiano. Atua como ilustradora, pintora e escritora e, como curadora, atenta-se às produções artísticas feitas por indígenas do Nordeste. Seus trabalhos, cujas interconexões entre raça, gênero e sexualidade são temas frequentes, capturam a diversidade e a resistência das mulheres indígenas.

**YACUNÁ TUXÁ —
QUERENÇA, 2022**



3. Balsa de Tupac, guerra de guerra, com o nome do guerreiro, desde o tempo de Inca e no tempo de Tupac Inca, no tempo de Tupac Pacheco, do Anas.



4. Pórtico de Tupac, com o nome do guerreiro.



5. Pórtico de Tupac Pacheco, Pórtico de Tupac Pacheco, com o nome do guerreiro, no tempo de Tupac Pacheco.



6. Desenho de barra tokani, de Lizano Vicini, indígena de Inca, do tempo de Tupac, 17 anos.



7. Balsa (balsa) pequena, desenho de Tupac Pacheco, em Inca do Tupac.

8. Balsa (balsa) (balsa) pequena, em Inca do Tupac.

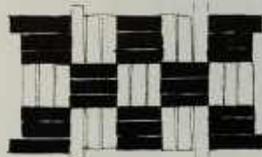


9. Balsa (balsa) (balsa) pequena, em Inca do Tupac.



10. Balsa (balsa) (balsa) pequena, em Inca do Tupac, Falso para o comércio.

11. Balsa (balsa) (balsa) pequena, em Inca do Tupac.



12. Balsa (balsa) (balsa) pequena, em Inca do Tupac.



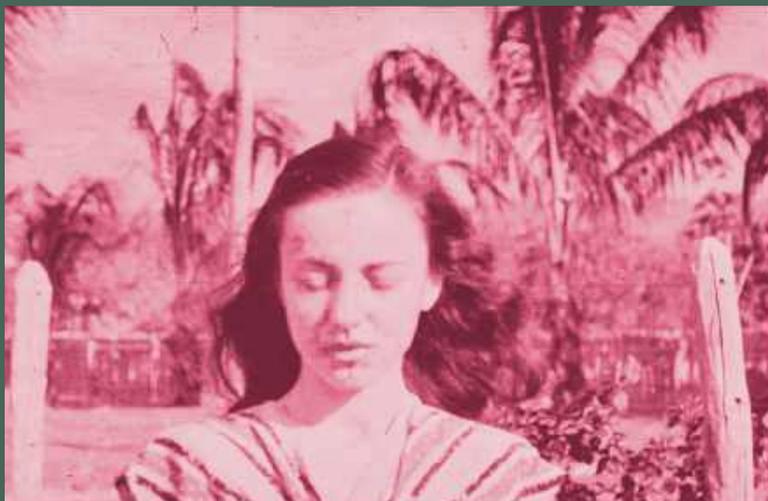
13. Balsa (balsa) (balsa) pequena, em Inca do Tupac.

14. Balsa (balsa) (balsa) pequena, em Inca do Tupac.



Mochila da etnia Kayabi.

Berta Ribeiro com pintura facial — 1947



Berta Ribeiro (1924-1997)

Berta Ribeiro nasceu no então Reino da Romênia e veio para o Brasil aos 8 anos de idade. Foi antropóloga, etnóloga e professora. Contribuiu para o entendimento da cultura material dos povos indígenas brasileiros, destacando conhecimentos sobre a fauna, a flora, as técnicas agrícolas, a cestaria, a culinária, a arquitetura, a medicina, o folclore, a arte e o grafismo. Teve participação central nas pesquisas do também antropólogo Darcy Ribeiro, com quem foi casada e se mostrou incansável na luta contra a injusta distribuição das terras no Brasil e o descaso para com os indígenas.



Peneira da etnia Waiwai.



Pente da etnia Ikpeng.





Niède Guidon (1933-)

Niède Guidon nasceu no interior do estado de São Paulo. Arqueóloga franco-brasileira, é conhecida mundialmente pela defesa da hipótese sobre o processo de povoamento das Américas desde a África, atravessando o oceano Atlântico. Responsável pela criação e pela preservação do Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, Niède foi pioneira das escavações na área, encontrando evidências na forma de carvão vegetal, que sugerem que o *Homo sapiens* chegou à região há cerca de 100 mil anos. A pesquisa de Niède contraria a teoria corrente que afirmava que os humanos chegaram às Américas há 12 mil anos, pelo estreito de Bering.



Mary Anning (1799-1847)

Mary Anning foi uma paleontóloga inglesa do século XIX conhecida por suas descobertas de fósseis marinhos na região de Lyme Regis, na costa sul da Inglaterra. Uma de suas descobertas mais famosas foi o esqueleto completo de um ictiossauro, um réptil marinho pré-histórico, em 1811. Esse fóssil foi um dos primeiros esqueletos completos de répteis marinhos a serem identificados e descritos cientificamente. O esqueleto do ictiossauro que Mary Anning descobriu está agora em exibição no Museu de História Natural de Londres, onde permanece como um importante exemplo da vida marinha pré-histórica e do trabalho pioneiro de Anning na paleontologia.

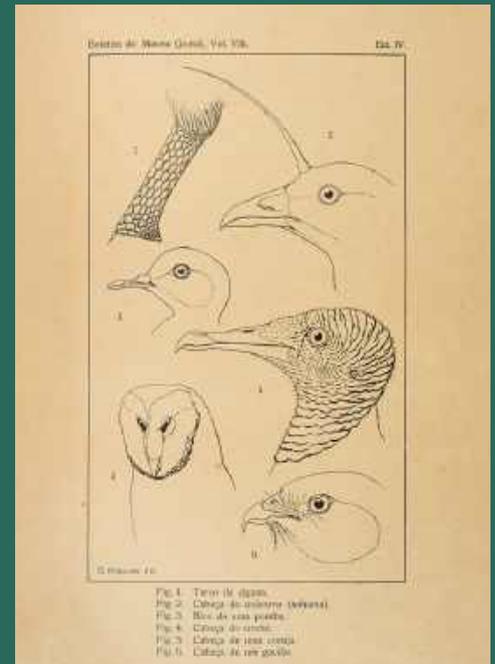
NATURALISTAS



Emilie Snethlage — Museu Nacional/UFRJ

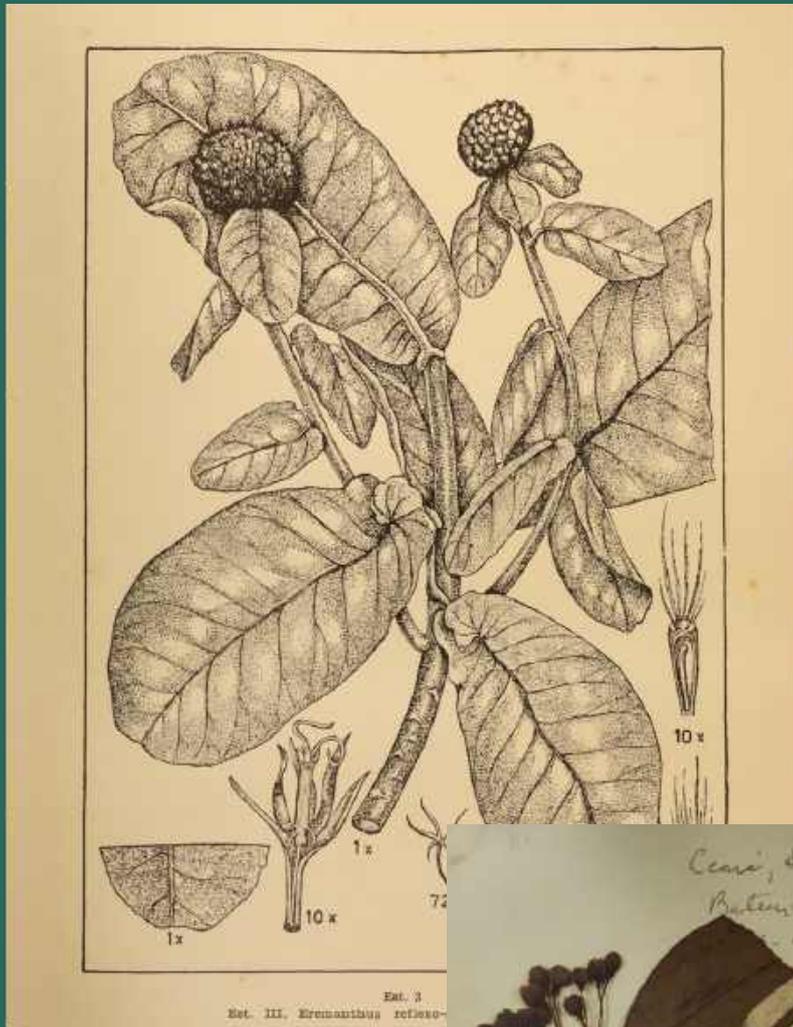
Emilie Snethlage (1868-1929)

Emilie Snethlage foi uma ornitóloga e naturalista alemã, conhecida por seu trabalho com a flora e a fauna da Amazônia. Descreveu cerca de 60 espécies de aves e dedicou-se a expedições de coleta em lugares remotos, como o Acre. Foi diretora do Museu Paraense Emílio Goeldi e escreveu o *Catálogo das aves amazônicas*. Foi também membro honorário do Sindicato dos Ornitólogos Britânicos e continuou seus estudos sobre a avifauna brasileira em várias regiões do país, como Minas Gerais, Maranhão, Ceará, Espírito Santo, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Em uma dessas expedições, como naturalista viajante do Museu Nacional, Emilie foi mordida por uma piranha e teve que, sozinha, amputar seu dedo médio com um facão.



Emilie Snethlage — *Boletim do Museu Goeldi de História Natural e Ethnographia*, 1911-1912.

NO BRASIL



Graziela Barroso — *Eremanthus*,
in *Rodriguésia* (RJ).



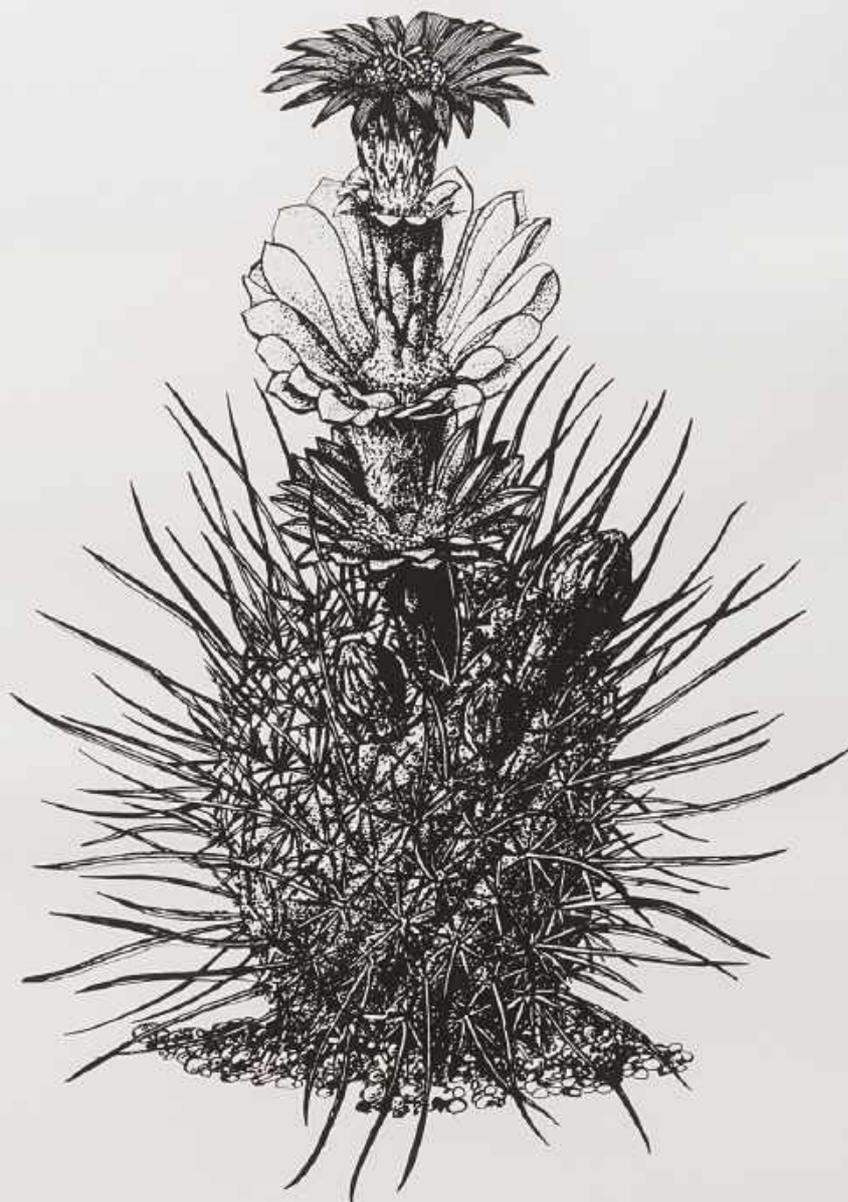
Detalhe de caderno de estudo de
Graziela Maciel Barroso.

Graziela Barroso (1912-2003)

Graziela Maciel Barroso, botânica de reconhecimento internacional, nasceu em Corumbá e trabalhou no Jardim Botânico do Rio de Janeiro por 58 anos. Foi a primeira mulher contratada por concurso no Jardim Botânico, onde identificou oito novos gêneros e 84 espécies de plantas. Foi homenageada com o nome de três gêneros e 83 espécies de plantas e é considerada a primeira-dama da botânica no Brasil. Graziela foi convidada para criar o Departamento de Botânica na Universidade de Brasília e recebeu várias homenagens, como a Ordem do Mérito Científico e a Millenium Botany Award, tornando-se a única brasileira com essa condecoração.



Capa da monografia de Graziela
Barroso, 1945.



Lobivia wrightiana *Astrophytum ornatum*

LAURA GORSKI (São Paulo, SP, 1982)

Formada em design de produto pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, Laura Gorski é artista visual e educadora. Sua pesquisa envolve a investigação de paisagens por meio do deslocamento e a criação de situações de contemplação e silêncio através do desenho, da pintura e de sua relação com o corpo e o espaço.

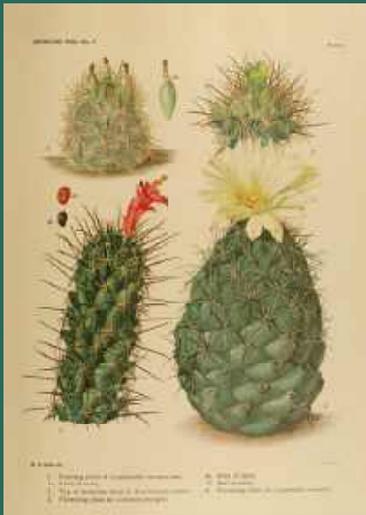
**LAURA GORSKI – SÉRIE
ESPÉCIES HÍBRIDAS, 2012**

NATURALISTA ATIVISTA



Bertha Lutz (1894-1976)

Bertha Maria Júlia Lutz foi uma importante ativista feminista, bióloga, educadora, diplomata e política brasileira. Especializou-se em anfíbios, e seu nome batizou diversos répteis (especialmente lagartos) e anfíbios, como o *Paratelmatoobius lutzii*, espécie de sapo que descobriu. Bertha foi a segunda mulher a ocupar um cargo no serviço público no Brasil, quando foi aprovada em um concurso para secretária no Museu Nacional, tornando-se naturalista tempos mais tarde. Embora nunca tenha abandonado sua pesquisa científica, Lutz tornou-se uma líder proeminente tanto no movimento feminista pan-americano quanto no movimento de direitos humanos. Foi fundamental na conquista do direito ao voto das mulheres no Brasil e representou seu país na Conferência das Nações Unidas sobre Organização Internacional.



Cactaceae — Mary Emily Eaton
1919-1923.



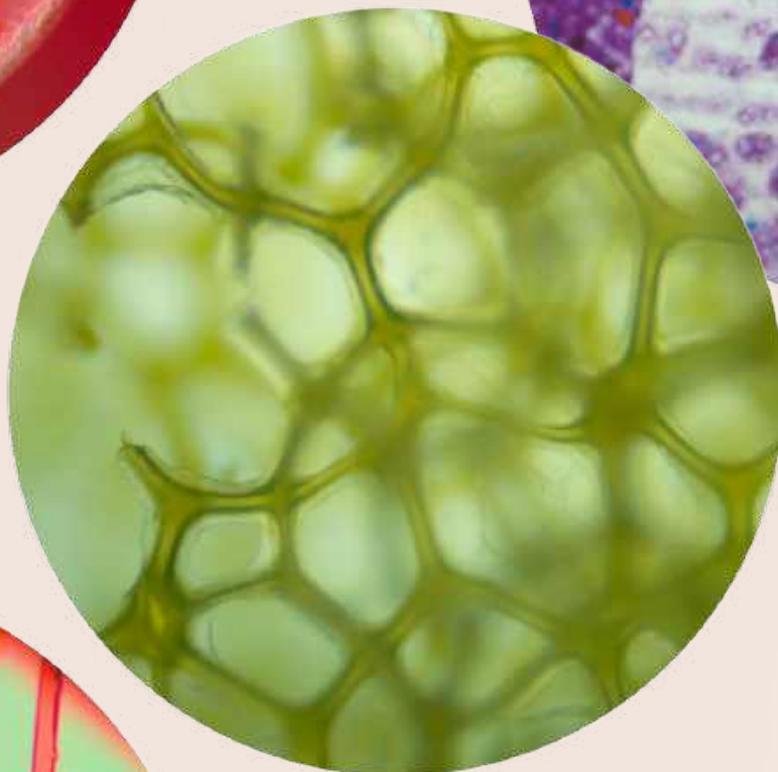
Hyla albosignata Lutz & Lutz —
Descrita como espécie nova por
Adolpho e Bertha Lutz em 1939.

Maria Graham (1785-1842)

Maria Graham foi uma artista, escritora e historiadora britânica que esteve no Brasil em três ocasiões — a segunda como acompanhante da Família Real. Desenhou aquarelas dos costumes e da flora do país e escreveu um diário sobre sua viagem entre 1821 e 1823. Ao descrever o terremoto que vivenciou no Chile, gerou um debate na Sociedade de Geologia de Londres. Graham observou que uma porção de terra emergiu do mar, fato usado pelo geólogo Charles Lyell para provar sua teoria de formação de montanhas pela ação de vulcões e terremotos. O presidente da Sociedade discordou da teoria e ridicularizou as observações de Graham. Ao se defender, a historiadora obteve respaldo de Charles Darwin, que havia observado o surgimento das mesmas terras durante outro terremoto no Chile, em 1835.

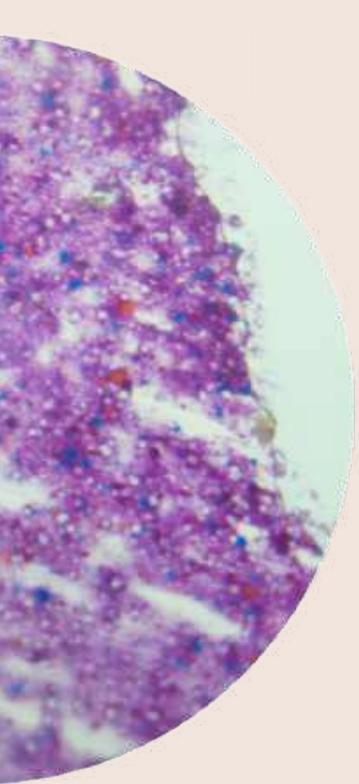


Excursão das participantes do II Congresso Internacional Feminista ao Recreio dos Bandeirantes, Rio de Janeiro, 1931. Bertha Lutz é a nona em pé, da esquerda para a direita.



ANTONIA DIAS LEITE (Rio de Janeiro, RJ, 1980)
Antonia estudou Ciências Sociais e Filosofia no Rio de Janeiro, no final dos anos 1990, fez seu mestrado em fotografia e vídeo na School of Arts NY. O trabalho de Antonia explora a intersecção entre arte, ciência e cultura.

ANTONIA DIAS LEITE — *CORPO ESTRANHO*, 2022



MULHERES NA MEDICINA

A inserção da mulher no meio médico e científico foi gradualmente construída com muita tenacidade e muita ousadia. A medicina somente começou a vencer a barreira imposta a elas em meados do século XIX, quando as mulheres começaram a ser admitidas nos cursos médicos. Ainda assim, eram consideradas “machonas”, título da crônica escrita por Sílvio Romero em contestação à formatura de Ermelinda Vasconcelos, a segunda brasileira formada em Medicina no Rio de Janeiro, em 1888, que se dedicou com sucesso à obstetrícia.

No início do século XIX, a irlandesa Margaret Ann Bulkley matriculou-se na Escola de Medicina de Edimburgo como John Barry. Passou toda a sua vida como médico oficial do Exército britânico. Essa mesma escola homenageou, em 2015, as sete

mulheres que, em 1869, haviam entrado para o curso de medicina em Edimburgo e acabaram sendo expulsas.

A segunda metade do século XIX contou ainda com uma grande revolução no entendimento do cuidar e das transmissões das doenças infectocontagiosas. Após Koch, Pasteur e outros identificarem os microrganismos como causadores das doenças infectocontagiosas, a profissão organiza-se cada vez mais em especialidades, e o hospital passa a ser um espaço de cura, deixando de ser simplesmente uma antessala para a morte. Relegou-se às mulheres a prática dos ofícios ligados ao cuidado, ao passo que a medicina e os postos de prestígio na gestão hospitalar permaneceram prioritariamente em mãos masculinas.

“Nós queremos à cabeceira da mulher enferma a mulher da ciência que sabe fisiologia, patologia, terapêutica, que sabe toxicologia, que sabe as leis biológicas, que sabe química, que conhece o efeito da eletricidade nos corpos humanos, que despreza miragens e milagres arranjados para iludir incautos.”

— Revista *A Mulher*, 1881



Formatura de Nise da Silveira.



Nise da Silveira (1905-1999)

Nise da Silveira nasceu em Maceió, estudou no Liceu Alagoano e, aos 15 anos, ingressou no curso de Medicina da Faculdade da Bahia. Formou-se em 1926, sendo a única mulher entre 157 homens daquela turma. Mudou-se para o Rio de Janeiro e dedicou sua vida ao trabalho com doentes mentais. Tinha o afeto e a arte como força motora de seus estudos e ferramenta de trabalho. Queria substituir doentes dopados e alienados por pessoas integradas; por isso, recusava-se a aplicar os tratamentos comuns à época, como a lobotomia. Chegou a ser presa política no primeiro governo Vargas e entrou para a história como a médica que revolucionou a psiquiatria brasileira.

Rosalind Franklin (1920-1958)

Rosalind Franklin nasceu em Londres. Formada em Química, mudou-se para Paris e aprendeu sobre difração de raios X, o que teria papel importante em sua pesquisa, que levou à descoberta do "segredo da vida", a estrutura do DNA. De volta a Londres, Franklin e seu aluno Raymond Gosling tiraram fotos do DNA, e uma de suas imagens tornou-se evidência crítica na identificação da estrutura do DNA. No entanto, em 1953, sem que Rosalind soubesse, dois cientistas usaram o que viram na imagem como base para seu famoso modelo de DNA, que publicaram e pelo qual receberam o Prêmio Nobel em 1962. A pesquisa de Rosalind e seu aluno foi apenas citada em nota de rodapé.

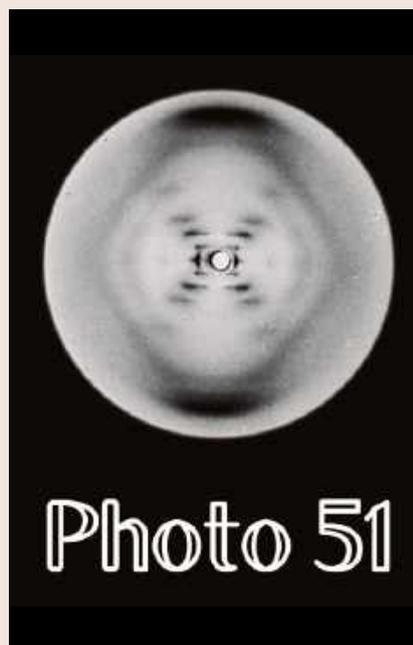


Foto do DNA — Rosalind Franklin.

“Estas mulheres não tinham medo de coisa alguma. Iam às linhas avançadas mais perigosas levar comida aos maridos. Nas linhas mais encarniçadas de atiradores, via-se estas infelizes se aproximarem dos feridos, rasgarem suas saias em ataduras, para lhes estancarem o sangue, montá-los na garupa de seus cavalos e conduzi-los em meio a balas, para os hospitais. Algumas trocavam as amazonas por bombachas nos dias de combate e as pontas de suas lanças se salientavam nas laterais de seus regimentos.”

— Dionísio Cerqueira
(*Reminiscências da Campanha do Paraguai*)

Florence Nightingale (1820-1910)

Florence Nightingale foi uma reformadora social inglesa, estatística e fundadora da enfermagem moderna. Enquanto servia como gerente e treinadora de enfermeiras durante a Guerra da Crimeia, organizou o serviço de cuidado aos soldados feridos em Constantinopla e reduziu significativamente as taxas de mortalidade, melhorando a higiene e os padrões de vida. Deu à enfermagem uma reputação favorável e tornou-se um ícone da cultura vitoriana. Mais tarde, criou a primeira escola de enfermagem do mundo, que agora faz parte do King's College, em Londres.

Anna Nery (1814-1880)

A enfermeira Anna Nery nasceu em Cachoeira, na Bahia, e ficou conhecida como “a Mãe dos Brasileiros”. Acompanhou os filhos que foram lutar na Guerra do Paraguai, juntando-se ao Corpo de Saúde do Exército, onde serviu durante anos como a primeira enfermeira voluntária do Brasil. Retornou ao país e foi condecorada com uma medalha de prata humanitária e pensão vitalícia. Escolhida como patrona da enfermagem brasileira, em sua homenagem, Carlos Chagas batizou com seu nome a primeira escola oficial brasileira de enfermagem, criada em 1926.



DORALYCE (Recife, PE, 1989)

Cantora, compositora e ativista, Doralyce, também conhecida como Miss Beleza Universal, começou sua carreira em 2010 e destacou-se pela versão feminista da música “Mulheres”. Representante do afrofuturismo, ela une arte ficcional e cultura africana contra a discriminação racial, promovendo uma revolução afetuosa e destacando o protagonismo feminino na base da pirâmide.

DORALYCE — MISS BELEZA UNIVERSAL, 2018

“Narcisista é essa sociedade patriarcal branca em que todos vivemos. Que se fixa em si mesma, e na reprodução de sua própria imagem, invisibilizando todas as outras. Eu, eu estou cercada de imagens que não espelham meu corpo. Imagens de corpos brancos, com sorrisos perfeitos, sempre olhando a si mesmos e reproduzindo-se como o objeto ideal de amor.”

— Grada Kilomba



FEMINISMO NEGRO

A história produziu diferentes construções do feminino, e também o feminismo assumiu várias vertentes. As mulheres negras não encontravam espaço nem no feminismo, orientado por mulheres brancas, nem no movimento negro, que, liderado por homens, ignorava pautas antissexistas. Coube à mulher negra, portanto, elaborar um campo de luta próprio, com uma abordagem interseccional que articula raça, classe e gênero, denunciando uma complexa rede de exclusão às mulheres negras.

Na década de 1980, Lélia Gonzalez destaca que o movimento das mulheres negras

brasileiras se iniciou há muito, quando elas criavam estratégias de sobrevivência ao regime escravocrata. Lélia foi uma das responsáveis por criar uma análise original sobre o pensamento social brasileiro, contrariando o mito da democracia racial e revelando os reflexos do trauma colonial.

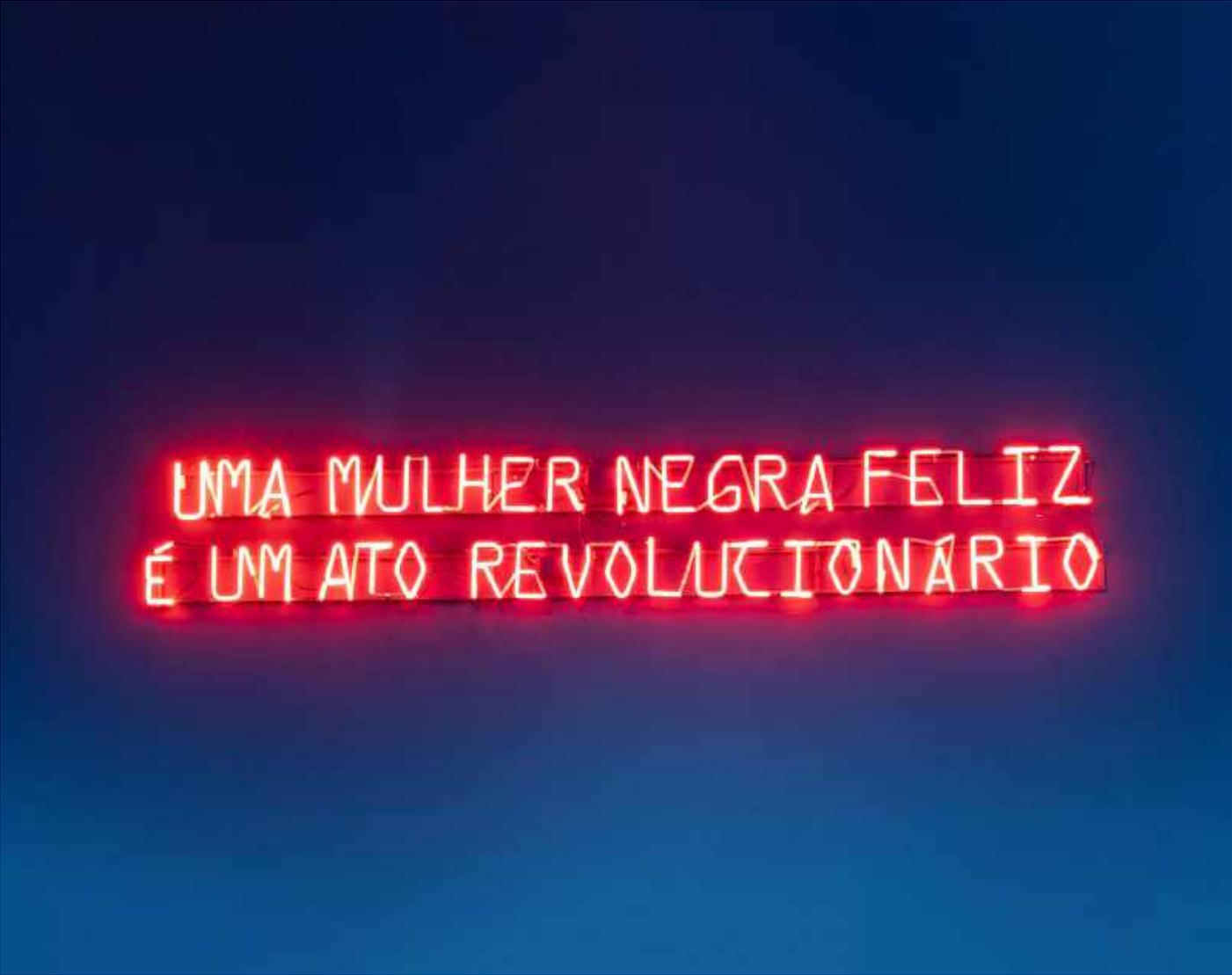
Ainda hoje, a luta das mulheres negras é marcada por urgências, mas o feminismo negro parece nos trazer um aprendizado singular: somos porque, antes, as nossas ancestrais lutaram para abrir caminhos para nós.

PATY WOLFF (Cacoal, RO, 1989)
Paty Wolff pesquisa a decolonização da representação e do olhar sobre pessoas negras, povos indígenas e comunidades tradicionais. Sua trajetória artística é atravessada pela busca de suas raízes e ancestralidades. Seus trabalhos transitam entre pintura, cerâmica, escultura, ilustração, muralismo, instalação, objetos, literatura e outras experimentações.

“Carolina, somos do mesmo calibre e o trabalho não me assusta. Para me animar, na ida para o serviço, me dou ao luxo de comprar um café. Custa somente quarenta centavos. Para ganhar quarenta centavos preciso dar duro por doze minutos. Em doze minutos lavo um monte de louça! Como é gostoso o café batalhado! E como são infelizes aquelas cujas vidas são reduzidas a esse cálculo. Quem tem dinheiro em abundância não pensa nisso. As que, como eu e você, não conhecem nada além de um futuro incerto, mas que são livres, que têm a possibilidade de se rebelar, de recusar a condição de escrava, são abençoadas.”

PATY WOLFF —
Carolina de Jesus, 2024

— Françoise Ega



UMA MULHER NEGRA FELIZ
É UM ATO REVOLUCIONÁRIO

MÔNICA VENTURA (São Paulo, SP, 1985)

Pesquisa filosofias e processos construtivos da arquitetura e do artesanato pré-coloniais e combina com experiências pessoais para desenvolver suas práticas artísticas. Suas obras abordam o feminino e a racialidade, em narrativas que buscam entender a complexidade psicossocial de mulheres de ascendência africana inseridas em diferentes contextos.

MÔNICA VENTURA — LUZ NEGRA, 2019

“Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca prova sua eficácia pelos efeitos da violenta desintegração e fragmentação da identidade étnica produzida por ele; o desejo de se tornar branco (‘limpar o sangue’, como se diz no Brasil) é internalizado com a conseqüente negação da própria raça, da própria cultura. Na verdade, esse silêncio ruidoso no que diz respeito às contradições raciais se baseia, nos tempos modernos, em um dos mitos mais eficazes de dominação ideológica: o da democracia racial.”

— Lélia Gonzalez

SUELI CARNEIRO (1950-)

Aparecida Sueli Carneiro é filósofa, escritora e ativista antirracismo. Ela é doutora em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e fundadora e atual diretora do Geledés – Instituto da Mulher Negra, a primeira organização negra e feminista independente de São Paulo. Sueli foi convidada para o Conselho Nacional da Condição Feminina e criou o programa SOS Racismo. Depois de receber a visita de um grupo de *rappers* da periferia da cidade de São Paulo que buscavam proteção por serem frequentemente vítimas da brutalidade policial, criou o Projeto *Rappers*. Nele, jovens são multiplicadores e promotores da cidadania em suas comunidades.

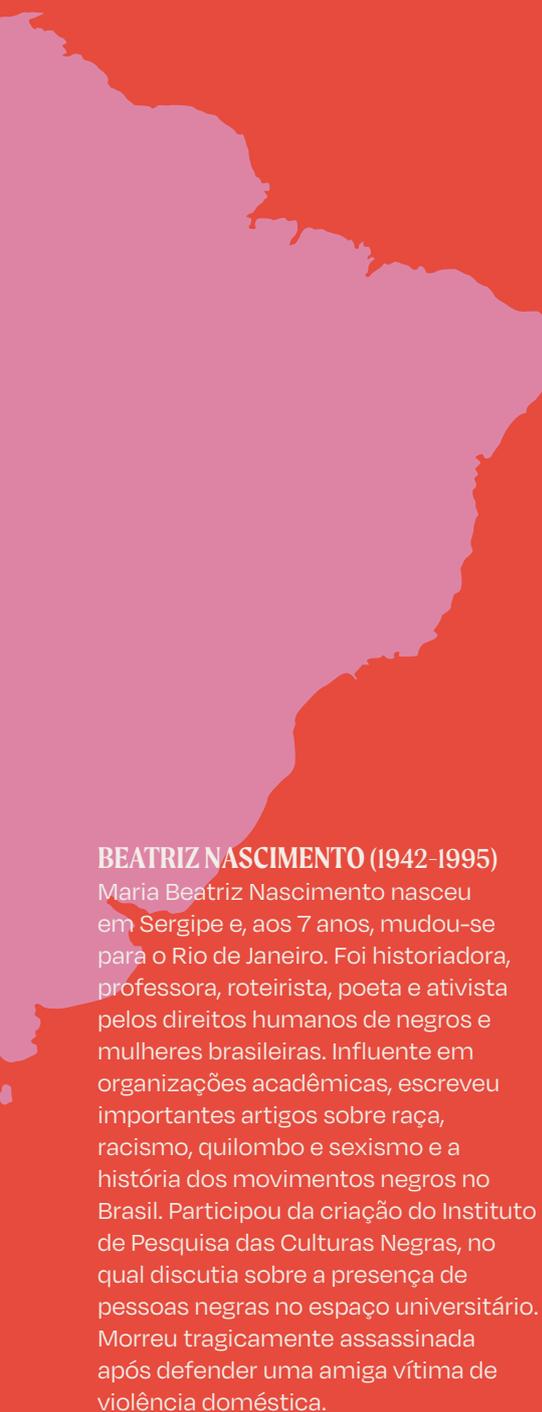


Lélia Gonzalez.

Amefricanidade ladina

O termo “amefricanidade ladina” foi cunhado por Lélia Gonzalez na década de 1980 para descrever a experiência compartilhada por mulheres e homens negros na diáspora afro-brasileira, assim como a experiência de descendentes dos povos tradicionais e suas formas de resistência à dominação colonial. Indo contra o mito da democracia racial, Lélia acreditava que era crucial dar protagonismo àqueles que foram colocados na condição de colonizados e seus descendentes, para

entender a essência da formação identitária do país. Esse processo é, segundo ela, “em última instância, reconhecer um gigantesco trabalho de dinâmica cultural que não nos leva para o lado do Atlântico, mas que nos traz de lá e nos transforma no que somos hoje: amefricanos”.

A stylized map of Brazil in a light blue color, positioned on the left side of the page. The map shows the outline of the country, including its major geographical features like the Amazon basin and the Atlantic coast.

“Estamos cansados de saber que nem nos livros onde mandam a gente estudar se fala da efetiva contribuição das classes populares, da mulher, do negro e do índio na nossa formação histórica e cultural. Na verdade, o que se faz é folclorizar todos eles. E o que fica? É a impressão de que só os homens, os homens brancos, social e economicamente privilegiados, foram os únicos a construir esse país. A essa mentira tripla se dá o nome de sexismo, racismo e elitismo.”

— Lélia Gonzalez

BEATRIZ NASCIMENTO (1942-1995)

Maria Beatriz Nascimento nasceu em Sergipe e, aos 7 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro. Foi historiadora, professora, roteirista, poeta e ativista pelos direitos humanos de negros e mulheres brasileiras. Influente em organizações acadêmicas, escreveu importantes artigos sobre raça, racismo, quilombo e sexismo e a história dos movimentos negros no Brasil. Participou da criação do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras, no qual discutia sobre a presença de pessoas negras no espaço universitário. Morreu tragicamente assassinada após defender uma amiga vítima de violência doméstica.



Mônica Cunha, criadora do Café das Fortes



GABRIELA NOUJAIM (Rio de Janeiro, RJ, 1983)
Gravadora e *videomaker*, Gabriela se insere em uma tradição de exploração dos limites e possibilidade da gravura. A artista vem estruturando sua poética a partir do interesse pela imagem técnica construída por meio de vídeos, fotografias e, mais inicialmente, a gravura, e pela ideia de fixar uma imagem no tempo.

**GABRIELA NOUJAIM —
LATINAMERICA, 2020**



A REVOLUÇÃO MAIS LONGA

Não é à toa que a revolução feminista é considerada a mais longa de todas as revoluções. É uma luta insistente pela existência, que mira a transformação do mundo numa sociedade igualitária, onde todos têm pleno acesso a direitos políticos, econômicos e sociais. Não é apenas um movimento de mulheres por todo o mundo.

Enquanto fazemos revolução, não nos deixam esquecer que o mundo ainda é dominado pelos homens. Se por um lado temos mais direitos, por outro, muitas de nossas conquistas vêm sendo manobradas e engolidas pelo sistema patriarcal, sexista, criado e controlado por homens. Lutamos para nos libertarmos sexualmente, mas tomam nossos corpos como objetos e nos tentam impor valor.

Querem decidir como devem parecer nossos corpos e nos oferecem os mais caros produtos, mas nos pagam mal. Sustentamos o mercado de trabalho, mas não deixam que ocupemos posições de tomada de decisões. Parabenizam-nos pelos filhos que escolhemos ter, mas nos cobram se não os queremos. Chamam-nos de guerreiras, mas nos obrigam a acumular funções e ameaçar nossa saúde mental e física.

Relembrando a história de nossas conquistas, é preciso seguir. Do direito ao voto, queremos ter voz nas decisões de políticas públicas; da interseccionalidade, queremos uma sociedade antirracista e o fim das múltiplas camadas de opressão a que está sujeita a mulher negra. E seguimos, tornando essa revolução tão longa quanto for preciso!

CAMILA SOATO

(Brasília, DF, 1985)

Associa a tradição da pintura a óleo figurativa, envolta em uma usual seriedade, com temáticas relacionadas ao humor satírico que se apresenta em situações esdrúxulas (*fulerage*). Por intermédio de construções ambivalentes, estabelece questionamentos acerca das possibilidades de produzir pinturas figurativas e inseri-las no campo contemporâneo da produção artística.

CAMILA SOATO, *LIÇÃO Nº 25*
CELEBRE COM OUTRAS
GERAÇÕES, 2018

“O útero é do tamanho de um punho.”

— Angélica de Freitas





THATIANA CARDOSO (São Bernardo do Campo, SP, 1983) investiga aproximações entre o corpo e utensílios domésticos. Em seus trabalhos, os objetos denotam processos que se referem à violência velada e simbólica em relação às mulheres. Sua pesquisa inicial centrou-se em alguns dos aspectos incomuns dos objetos vivos e na intenção de construir imagens que confundem a percepção visual do espectador.

**THATIANA CARDOSO —
ACÚMULO ROSA, 2016**



CLAUDIA FERREIRA
 (Rio de Janeiro, RJ, 1955)
 Fotógrafa documental, Cláudia trabalhou para veículos da grande imprensa na década de 1980, fez *still* em filmes de curta e longa-metragem e fotografou espetáculos de teatro, música e dança no Rio de Janeiro. Desde o fim da década de 1980 vem dedicando-se a documentar os movimentos sociais, principalmente os movimentos feministas.

Passeata do Dia Internacional da Mulher, 8 de março, Rio de Janeiro, 1989.

Manifestação em frente à fábrica de lingerie DeMillus, contra a revista íntima às funcionárias, Rio de Janeiro, 1989.



Meraus mit dem Frauenwahlrecht
FRAUEN-TAG
8. MÄRZ 1914

Den Frauen, die als Arbeiterinnen, Mütter und Hausfrauen ihre volle Pflicht erfüllen, die im Kampf um die Gleichberechtigung der Geschlechter mit den Männern kämpfen, wird die öffentliche Anerkennung und Anerkennung der vollen Staatsbürgerrechte für jetzt versprochen.
 Diese natürliche Marktführer zu erlangen, sind die unerschütterliche, hohe Ziele setzen, deren Arbeit sie tun. Nur darf es kein Augen für Kaffen geben. Kommt dabei alle, die Frauen sind Mitglieder in Sie an

Sonntag den 8. März 1914 nachmittags 3 Uhr stattfindende
9 öffentl. Frauen-Versammlungen

“Manter uma ordem econômica mundial desigual e injusta é mais lucrativo para os homens e as mulheres mais fortes, ricos e poderosos do mundo. A subordinação da maioria dos homens e das mulheres negros tem sido vital para esta ordem mundial, pois o trabalho produtivo e reprodutivo das mulheres negras serviu e continua a servir como pré-requisito necessário para a acumulação de capital em escala mundial.”

— Filomina Chioma

Cartaz para o Dia da Mulher, 8 de março de 1914, exigindo o direito de voto para as mulheres.

“Solidariedade política entre mulheres sempre enfraquece o sexismo e prepara o caminho para derrubar o patriarcado. [...] A sororidade jamais teria sido possível para além dos limites de raça e classe, se mulheres individuais não estivessem dispostas a abrir mão de seu poder de dominação e exploração de grupos subordinados de mulheres. Enquanto as mulheres usarem poder de classe e de raça para dominar outras mulheres, a sororidade feminista não poderá existir por completo.”

— bell hooks

HELOÍSA MARQUES

(Itapetim, PE — 1991)

Heloísa é arquiteta e artista visual pernambucana radicada em Salvador. Usa o têxtil para criar histórias que resgatam a memória tátil em meio ao digital: tempo e palavra são suas principais matérias. Seus temas de interesse orbitam entre literatura, questões de gênero e os espaços público e privado enquanto espaços de disputas territoriais que abarcam desejos coletivos.

HELOÍSA MARQUES —

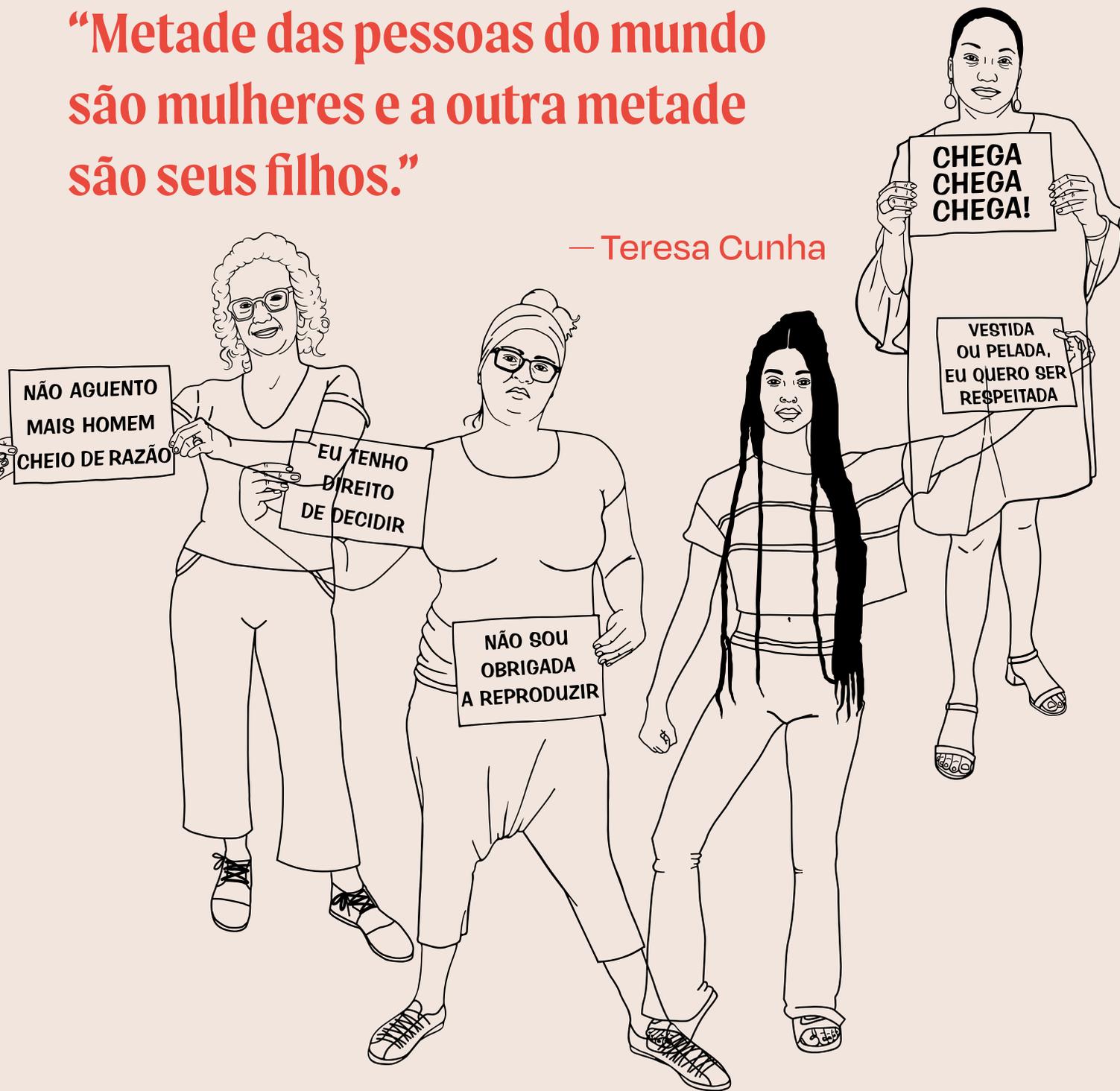
EXTRAPOLA E DANÇA, 2022

Bordado sobre canvas



“Metade das pessoas do mundo
são mulheres e a outra metade
são seus filhos.”

— Teresa Cunha



ANA TEIXEIRA (Caçapava, SP - 1957)

É artista, formada pela Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) e mestra em Poéticas Visuais pela mesma instituição. Seu trabalho transita por diferentes meios, com interesse particular pelo desenho e pela arte participativa, tendo a literatura e o cinema como suas principais referências.

**ANA TEIXEIRA — CALA BOCA
JÁ MORREU, 2024**



MARCELA CANTUÁRIA

(Rio de Janeiro, RJ, 1978)

Artista visual formada em Pintura pela Escola de Belas Artes da UFRJ, Marcela desenvolve uma pesquisa inspirada pelo protagonismo político feminino, pela luta de classes e pela história da pintura. Apropriando-se de imagens de diferentes origens, ela elabora contranarrativas que destacam outros futuros. Além disso, Cantuária faz parte da organização nacional Brigadas Populares.

MARCELA CANTUÁRIA —

**COMANDANTA RAMONA TECEDORA
DE SONHOS, 2020**

Uma das principais lideranças do Exército Zapatista pela Libertação Nacional (EZLN), dedicou sua vida e sua luta à libertação de mulheres, camponeses, indígenas e trabalhadores. No sul do México, em Chiapas, Ramona escreveu em tzotzil a Lei Revolucionária de Mulheres, a qual foi traduzida para inúmeros idiomas.

LEI REVOLUCIONÁRIA DAS MULHERES

1. As mulheres, independentemente de raça, credo, cor ou filiação política, têm o direito de participar da luta revolucionária no lugar e no grau que sua vontade e sua capacidade determinarem.
2. As mulheres têm o direito de trabalhar e receber um salário justo.
3. As mulheres têm o direito de decidir o número de filhos que podem ter e cuidar.
4. As mulheres têm o direito de participar nos assuntos da comunidade e ocupar cargos se forem eleitas livre e democraticamente.
5. As mulheres e seus filhos têm direito aos

atendimentos primários em sua saúde e sua nutrição.

6. As mulheres têm direito à educação.
7. As mulheres têm o direito de escolher seu companheiro e de não ser forçadas a casar.
8. Nenhuma mulher pode ser espancada ou maltratada fisicamente por parentes ou estranhos. Os crimes de tentativa de estupro ou estupro serão severamente punidos.
9. As mulheres podem ocupar cargos de direção na organização e ter patentes militares nas forças armadas revolucionárias.
10. As mulheres terão todos os direitos e obrigações estabelecidas pelas leis e pelos regulamentos revolucionários. (EZLN, 1993)



A ECONOMIA DO CUIDADO

A engrenagem que move a economia do cuidado é uma força de trabalho invisível, em sua imensa maioria feminina. A reprodução social consiste numa série de tarefas — físicas, mentais e emocionais essenciais — para a continuidade de cada humano e da espécie, mas que, ainda hoje, o patriarcalismo designa como “trabalho de mulher”.

Movimentos feministas do Caribe, da África e da América Latina aprovaram a primeira legislação mundial para medir e avaliar o trabalho doméstico e identificaram que as mulheres mais afetadas pela falta de remuneração e de direitos são as que vivem em áreas rurais, as ameríndias,

as que lidam com deficiência, as mulheres idosas e as mulheres chefes de família, em sua maioria negras.

Valorar o trabalho doméstico é parte de um projeto maior de transformação e desenvolvimento de uma sociedade antirracista e antissexista. A economia do cuidado afeta significativamente a presença de mulheres em outras áreas, já que muitas são forçadas a abandonar seus estudos ou empregos. As mulheres, no Brasil, gastam entre 20 a 22 horas por semana em trabalhos domésticos, os homens, apenas 10. Para mudar essa lógica, é preciso parar de restringir a mulher ao espaço doméstico porque “lugar de mulher é onde ela quiser”.

PRISCILA ROOXO

(Rio de Janeiro, RJ, 2001)

Radicada numa prática ativista e crítica, as pinturas de Priscila Roexo exploram temas como a pobreza, a exclusão social, o reconhecimento do papel da mulher na sociedade, o corpo periférico e sua relação com ideias de pertencimento e visibilidade social, subvertendo as habituais classificações da cultura e as distinções, nomeadamente entre alta cultura e cultura de massa.

PRISCILA ROOXO — ÉPOCA
DE ESCOLA, 2023



“Trabalho doméstico não remunerado é o trabalho produtivo sem o qual não haveria nada mais: nenhum outro trabalho, nenhum trabalhador, nenhuma economia, nenhuma sociedade.”

— Andaiye



MARIKA SEIDLER

(Gentofte, Dinamarca, 1972)

Marika é uma artista visual e *videomaker* formada pela Real Academia Dinamarquesa de Belas Artes em 2001. Em 2013, ela fundou o Seidlers SENSORIUM, que cria performances e caminhadas interativas de grande escala sobre processos biológicos na natureza. Com uma abordagem antropológica, ela trabalha com instalações de vídeo e pintura.

MARIKA SEIDLER — *MOTHERS — OTHERS*, 2013

Videarte

Duração: 5'57"

MOTHERS — OTHERS é um trabalho de Marika Seidler que explora a relação entre mães e bebês de silicone. Esses bebês, esculpido por artistas conhecidos como "*re-borners*", são comprados por colecionadores de bonecas que se autodenominam "mães" no YouTube. Essas "mães" alimentam, banham e vestem seus bebês, recriando a ilusão de um relacionamento íntimo entre mãe e filho.

Andaiye (1942–2019)

Andaiye, originalmente chamada Sandra Williams, nasceu em Georgetown, na Guiana, e mudou seu nome durante o movimento Black Power nos anos 1970. Andaiye, que significa "uma filha retorna para casa", foi ativista durante grande parte de sua vida adulta, lutando contra a injustiça em relação à nação, à raça/etnia, à classe e ao gênero. Cofundou a Red Thread em 1986, uma rede política independente de mulheres, e concentrou-se em pesquisas e defesa da violência contra mulheres, saúde reprodutiva e contabilização do trabalho das mulheres na década de 1990. Morreu em 2019, após uma longa batalha contra o câncer.



Margaret Hamilton (1936-)

Margaret Heafield Hamilton é uma cientista da computação estadunidense conhecida por ser uma das primeiras programadoras de *software* de computador. Ela foi a responsável pelo desenvolvimento do código do computador para os módulos lunares e de comando usados na primeira missão da *Apollo 11* à Lua. Foi uma tarefa monumental, em uma época em que a tecnologia da computação ainda não era muito desenvolvida. Margaret publicou diversos artigos e envolveu-se em muitos projetos ao longo de sua carreira. Recebeu várias homenagens, como o prêmio Exceptional Space Act, da Nasa, e a Medalha Presidencial da Liberdade, em 2016.

Margaret Hamilton ao lado dos cadernos em que ela e sua equipe no MIT escreveram o software de navegação para o projeto Apollo, Draper Laboratory (1969).

“Uma análise que leve em conta gênero, classe, cor e etnia nos programas de reconhecimento facial revela que os sistemas performam melhor em rostos de homens do que de mulheres. As taxas de erros para mulheres de pele escura são de 35%, ao passo que para homens de pele escura são de 12%, 7% para mulheres de pele clara e menos de 1% para homens de pele clara. Estas pesquisas revelam ainda que estes sistemas não reconhecem rostos transgêneros.”

— Londa Schiebinger



Lego Ada Lovelace.

“Fazer pesquisa equivocada custa vidas e dinheiro e amplifica as desigualdades.”

— Londa Schiebinger

Ada Lovelace (1815-1852)

Augusta Ada Byron King, a Condessa de Lovelace, nasceu na Inglaterra e foi uma importante matemática e escritora. Ada é conhecida por ter escrito o primeiro algoritmo para ser processado por uma máquina, a máquina analítica de Charles Babbage, e, por isso, considerada a primeira programadora da história. Além de desenvolver algoritmos que possibilitaram esse aparelho computar valores de funções matemáticas, Ada publicou uma coleção de notas sobre essa máquina. Filha do famoso poeta inglês Lord Byron, teve como incentivadora aos estudos sua mãe, que promoveu o interesse da filha em matemática e lógica.

Enedina Alves Marques durante a construção da Usina Capivari — Cachoeira (1961-1970).



Enedina Alves (1913-1981)

Enedina Alves nasceu em Curitiba e formou-se em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Paraná, entrando para a história como a primeira engenheira negra do Brasil. Seus estudos foram financiados pelo dono da casa onde a mãe trabalhava. Como engenheira, Enedina participou da construção da maior hidrelétrica subterrânea no Sul do Brasil, a atual Usina Governador Pedro Viriato Parigot de Souza. Recebeu diversas homenagens: seu nome batizou uma rua e ela foi inscrita no Memorial à Mulher Pioneira, em Curitiba. Foi homenageada pelo Instituto de Mulheres Negras Enedina Alves Marques e, em 2023, o Google homenageou seu 110º aniversário.



MULHERES NAS CIÊNCIAS

KATHARINA WELPER
(Rio de Janeiro, RJ, 1978)

Katharina está ligada a um fazer que beira o obsessivo e que trata a memória como um lócus importante no desenvolvimento de sua poética. Sua produção, de aspecto multifacetado e híbrido, é marcada por variados suportes, como a pintura, o desenho, a colagem, a performance, as artes têxteis e o tridimensional.

KATHARINA WELPER —
ELE ESTA NO MEIO DE NÓS,
2020

Há mulheres que andam à frente, que desbravam oceanos, que garantem a preservação da biodiversidade, e mulheres que nos livram de epidemias e nos ensinam a conviver com doenças.

A história da ciência, no entanto, revela que a construção do conhecimento foi feita principalmente por homens. Muitas das inovações científicas com que convivemos na atualidade — de remédios a sistemas operacionais — atendem primeiramente ao homem, hétero, branco, cis (H2BC) categoria que a própria ciência já identificou como o monopadrão majoritário.

Ainda que muitas mulheres dirijam, por exemplo, o piloto de teste na indústria automobilística ainda é o homem médio.

Por isso, mulheres com cinto de segurança têm 47% mais chances de se acidentar. Não apenas a altura e o peso de homens e mulheres são diferentes. Há diferenças também na força muscular, nos ligamentos e no alinhamento da coluna vertebral.

Há pesquisas, em sua maioria desenvolvidas por mulheres, que têm tentado “consertar o conhecimento”, para que se criem novas e melhores prioridades em ciência. Pesquisas que levam em conta análises interseccionais, que compreendem variáveis de gênero, classe e etnia e que fazem ciência inclusiva, orientada para a melhoria da existência da vida na Terra.

Desde o lançamento da pílula na década de 1960, mesmo com os efeitos colaterais nas mulheres, não houve avanços significativos no desenvolvimento de um anticoncepcional masculino, e a responsabilidade sobre a reprodução concentra-se ainda nas mulheres. Tornar infértil um corpo que fica fértil apenas um curto período do mês, em vez do corpo masculino, constantemente fértil, é mais uma evidência da desigualdade de gênero na ciência e na sociedade.

Nísia Trindade (1958-)

Nísia Trindade Lima é uma cientista social, pesquisadora e professora universitária brasileira eleita a primeira mulher a chefiar o Ministério da Saúde, no atual governo Lula. Nísia foi presidente da Fundação Oswaldo Cruz entre 2017 e 2022, tornando-se também a primeira mulher a comandar a instituição em seus 120 anos de história. Durante sua gestão, liderou as ações no enfrentamento da pandemia de covid-19 no Brasil. Entre suas medidas está o Observatório Covid-19, uma rede transdisciplinar que realiza pesquisas e sistematiza dados epidemiológicos.



Jaqueline Goes (1989-)

A biomédica Jaqueline Goes de Jesus nasceu em Salvador e formou-se pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Mestre em Saúde e Medicina Investigativa e doutora em Patologia Humana pela Fiocruz, Jaqueline participou da equipe que sequenciou o genoma do vírus zika, mas se destacou por coordenar a equipe que conseguiu sequenciar o genoma do vírus SARS-CoV-2 apenas 48 horas após o registro do primeiro caso de covid-19 no Brasil. Por esse trabalho, foi uma das cientistas escolhidas pela fabricante de brinquedos Mattel para ser homenageada com uma boneca Barbie.



Barbie Jaqueline Goes de Jesus, acervo pessoal.



CAMILA SOATO —
A AUTOESTIMA DO MACHO
CIS HÉTERO BRANCO, 2023

“Se todas as patentes biomédicas registradas entre 1976 e 2010 tivessem sido produzidas igualmente por mulheres e homens, haveria cerca de 6.500 novas invenções biomédicas focadas em mulheres.”

— Samila Koning sobre o contexto norte-americano.

Índice de imagens

4 - 5

Foto por Rogério von Krüger

6 - 7

Berna Reale — *Vã*, 2017. Impressão fotográfica edição de 5, 100 × 150 cm

8 - 9

Arissana Pataxó — *Dona Josefa*, 2006. Carvão sobre papel.
Releitura da fotografia de Marcelo Buainaim (reprodução), 38 × 29,5 cm

10 - 11

Fotografia por Rogério von Krüger

12 - 13

Theodore De Bry — *Cenas de antropofagia no Brasil — Americae tertia pars memorabile privinciae brasiliae historiam*, 1596. Butil sobre papel, 33 × 24,5 cm. Reprodução fotográfica: Edouard Fraipont / Acervo Banco Itaú

14 - 15

Hariel Revignet — *Agombenero — rizomas*, 2020. Pintura acrílica em tela com costura e colagem de raízes trepadeiras, 30 × 20 cm

Japira Pataxó — *A mata do pé do Monte Pascoal*, 2022. 55 × 38,9 cm

16 - 17

María Sibylla — *Verandering der surinaamsche insecten — Metamorphosis insectorum surinamensium*, 1705, 26 × 40,2 cm. Biodiversity Heritage Library (reprodução)

18 - 19

Berna Reale — *Seus moldes não me servem*, 2019. Impressão em papel de algodão, metacrilato ed AP 1, 50 × 75 cm

20 - 21

Efe Godoy — *Híbridas hídricas*, 2021. Aquarela sobre papel Montval, 18,5 × 16 cm

22 - 23

Povos do rio Tiquié — Desenho do ciclo anual das comunidades do rio Tiquié (reprodução)

Elaborado a partir dos diários dos Agentes Indígenas de Manejo Ambiental (AIMAs), e desenhado por eles mesmos.

O calendário indígena integra ciclos de vida, processos ambientais e climáticos locais, guiando seus moradores nas práticas cotidianas na agricultura, coleta de frutos e insetos, pesca e caça, parte das relações interespecíficas que precisam ser cuidadas e curadas nos rituais sazonais.

Os AIMAs são agentes, animadores e pesquisadores comunitários dedicados a temas ambientais e às boas práticas de manejo. São dos povos Tukano, Tuyuka, Desana e Yemamasã.

24 - 25

Maria Clara Eimmart — *Cometas*, déc. 1690. Pastel sobre papelão, 64 × 52 cm. Reprodução em guache: Leonardo Gribel (2023)

Autor desconhecido — *A morte da filósofa Hipátia*, 1866. 36,5 × 24 cm. *Il Giornale Illustrato*, ano 3, n. 16, abril 21-28

26 - 27

Camila Sposati — *Escultura de ferricianeto de potássio*, 2007. Impressão sobre papel, 55 × 82 cm
Experimento realizado no departamento de química University College of London com apoio de British Council e Arts Catalyst (Londres)

28 - 29

Emmanuel Jean Nepomucene De Ghendt — *A figura feminina conduzindo experimentos químicos com uma fornalha*, 1890. Xilografia, 14,3 × 24 cm. Wellcome Collection

Marie Lavoisier — *Lavoisier em seu laboratório*, 1790. Fotogravura — fac-símile reduzido de um desenho de Mme. Lavoisier, Wellcome Collection

30 - 31

Vera A. Cleser — *O lar doméstico*, 1902. 16,3 × 25 cm
Biblioteca Digital Unicamp

32 - 33

Retrato de Nísia Floresta, 1899. Publicado em *Mulheres ilustres do Brasil*

34 - 35

Yacuna Tuxá — *Q U E R E N Ç A*, 2022. Ilustração digital, 61 × 83,1 cm
"Cresci nos braços da minha mãe, avós, tias, madrinha, primas e irmã. Elas me cuidavam. Penteavam meus cabelos, cortavam-nos quando preciso e ofereciam as mechas às plantas ou às águas. Cresci no abraço e aprendi a ser generosa. Primeiro, vi as mulheres do meu povo guardar segredos em bolsinhas de caroá; elas faziam fumaça, cantavam e dançavam. Depois, cantei e dancei também. O afeto é arma anticolonial."

36 - 37

Os índios das águas pretas, 43 × 33,7 cm
Museu Nacional dos Povos Indígenas/Funai — Brasil

Berta Ribeiro com pintura facial, 1947. Fotografia.
O conjunto de fotografias reunidas nesta série faz parte do documentário fotográfico apresentado por Darcy Ribeiro ao chefe da Seção de Estudos, Herbert Serpa, em 31 de dezembro de 1947, ao final do trabalho de pesquisa do qual foi encarregado no Mato Grosso.

Mochila da etnia Kayabi
Museu Nacional dos Povos Indígenas/Funai — Brasil

Peneira da etnia Waiwai
Museu Nacional dos Povos Indígenas/Funai — Brasil

Pente da etnia Ikpeng
Museu Nacional dos Povos Indígenas/Funai — Brasil

38 - 39

André Pessoa — pintura rupestre da Serra da Capivara (PI), fotografia
Bruno Dante — Diorama pré-história, 2019. 68 × 46,5 cm. Acervo M'Baraká

40 - 41

Retrato de Emilie Snethlage, 7 × 13 cm. Museu Nacional/UFRJ

Emilie Snethlage — *Boletim do Museu Goeldi de História Natural e Ethnographia*, 1911-1912. Biblioteca Barbosa Rodrigues/Jardim Botânico do Rio de Janeiro

Graziela Maciel Barroso — *Eremanthus. Rodriguésia* (RJ), 1960. 29,7 × 42 cm. Biblioteca Barbosa Rodrigues/Jardim Botânico do Rio de Janeiro (reprodução)

Graziela Maciel Barroso — *Detalhe de caderno de estudo*, 13,9 × 17 cm. Ramo de *Myrtaceae* fixado em suporte de papel para estudos com anotações sobre sua localidade: Serra de Baturité, Ceará

Graziela Maciel Barroso — Capa da monografia, 1945. 15,5 × 23 cm

42 - 43

Laura Gorski — *Série espécies híbridas*, 2012. Serigrafia, 100 × 70 cm

Mary Emily Eaton — *Cactaceae*, 1919-1923. Cortesia da Biblioteca Mertz, The New York Botanical Garden

Bertha Lutz — *Hyla albosignata* Lutz & Lutz (hoje *Aplastodiscus albosignatus*). Espécie nova descrita por Adolpho e Bertha Lutz em 1938. Ilustrador: Paul Sanding, desenhista do Museu Nacional, 29,7 × 42 cm. Museu Nacional/UFRJ (reprodução)

Excursão das participantes do II Congresso Internacional Feminista ao Recreio dos Bandeirantes no Rio de Janeiro, junho de 1931. Arquivo Nacional

Bertha Lutz é a nona em pé, da esquerda para a direita.

44 - 45

Antonia Dias Leite — *Corpo estranho*, 2022. Instalação fotográfica site-specific composta por peças redondas em metacrilato, suspensas por fios de nylon, 75 cm

46 - 47

Formatura Nise da Silveira, 28 × 21,5 cm. Arquivo Pessoal Nise da Silveira/SAMII

Photo 51, 15 × 20 cm. Fotografia do DNA realizada por Rosalind Franklin e Raymond Gosling

48 - 49

Doralyce — *Miss Beleza Universal*

Produção musical: Jonatan da Póvi, Léo Justi

Elenco: Cecilia Lang, Diana Iliescu, Natasha Pasquini de Lira, Lina Miguel, Gabriela Perez Cordeiro, Madara Luiza, Joana Alvarez, Dyonne Boy, Dilminha (Valesca), Doralyce

Participação do público: Maria Fernanda Lamim, Fernanda Paixão, Luisa Gravino, Sofia Feijó, Giulia Ottino, Maureen Christian, Helena Heizer, Lumena Aleluia, Raíra Yuma, Cecília Menezes

Audiovisual: Cecilia Lang, Barbara Vída, Pedro Moreira, Ludmila Curi, Marcela Mara, Âmarcél Amar, Madara Luiza, Gabriela Perez Cordeiro, Carina D'Ávila

Produção executiva: Paulo Telles, Maíra Leão Frid, Âmarcél Amar, Dyonne Boy, Doralyce

Colaboração de argumento: Cecilia Lang

Montagem, edição, finalização: Gabriela Perez Cordeiro

Direção: Doralyce

50 - 51

Paty Wolff — *Carolina de Jesus*, 2024. Acrílica sobre madeira, 50 × 80 cm

52 - 53

Mônica Ventura — *Luz Negra*, 2019. Neon em estrutura metálica, 330 × 50 cm

54 - 55

Lélia Gonzalez. Fotografia por César Loureiro para revista *Cult*

56 - 57

Gabriela Noujaim — *Latinamerica 2020*

58 - 59

Camila Soato — *Lição nº 25 Celebre com outras gerações*, 2018. Óleo sobre tela, 15 × 20 cm

60 - 61

Thatiana Cardoso — *Acúmulo rosa*, 2016. Vídeo, cor, som. Duração: 8' 28"

62 - 63

Claudia Ferreira — Passeata do Dia Internacional da Mulher, 8 de março, Rio de Janeiro, 1989. Na foto, Branca Moreira Alves

Claudia Ferreira — Manifestação em frente à fábrica de lingerie DeMillus, contra a revista íntima às funcionárias, Rio de Janeiro, 1989

Karl Maria Stadler — Cartaz para o Dia da Mulher, 8 de março de 1914, exigindo o direito de voto para as mulheres, 1914

Heloísa Marques — *Extrapola e dança*, 2022. Bordado sobre canvas, 45 × 35 cm

64 - 65

Ana Teixeira — *Cala boca já morreu*, 2024

Marcela Cantuária — *Comandanta Ramona tecedora de sonhos*, 2020. Óleo e acrílica sobre madeira, 54 × 27 × 7 cm

66 - 67

Priscila Rooux — *Época de escola*, 2023. Acrílica sobre tela, 50 × 40 cm

68 - 69

Marika Seidler — *Mothers — Others*, 2013. Duração: 5' 57"

70 - 71

Margaret Hamilton ao lado do código do software de navegação que ela e sua equipe no MIT produziram para o projeto Apollo, 1969. Draper Laboratory

Lego Ada Lovelace. Foto por Stubot

Enedina Alves Marques durante a construção da Usina Capivari-Cachoeira, 1961-1970. Cedido pela assessoria de comunicação do Crea-PR

72 - 73

Katharina Welper — *Ele está no meio de nós*, 2020. Edição: Katharina Welper e Mariana Gil. Duração: 3' 6"

74 - 75

Barbie Jaqueline Goes de Jesus. Acervo pessoal

Camila Soato — *A autoestima do macho cis hétero branco*, 2023. Óleo e barro sobre tela, 25 × 25 cm

Ficha técnica

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

ADMINISTRAÇÃO REGIONAL NO ESTADO DE SÃO PAULO

Presidente do Conselho Regional

Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional

Luiz Deoclecio Massaro Galina

SUPERINTENDÊNCIAS

Técnico-Social Rosana Paulo da Cunha

Comunicação Social Ricardo Gentil

Administração Jackson Andrade de Matos

Assessoria Técnica e de Planejamento Marta Raquel Colabone

Assessoria Jurídica Carla Bertucci Barbieri

GERÊNCIAS

Artes Visuais e Tecnologia Juliana Braga de Mattos

Educação para Sustentabilidade e Cidadania Denise Baena

Artes Gráficas Rogério Ianelli

Difusão e Promoção Ligia Moreli

Sesc Interlagos Eduardo Uhle

EQUIPE SESC

Adriano Almeida, Aline Ribenboim, Ana Jimenez, André Luiz Silva, Camila Hion, Carolina Salvini, Debora Souza, Desirée Gianni Camargo, Eveline Prado Gutilha, Fabiana Delboni, Fábio Vasconcelos, Fabíola Tavares Milan, Gabriela Graça Ferreira, Graziela Schoenacker, Henrique Silva, Juliana Okuda Campaneli, José Gonçalves Junior, Karina Camargo Leal, Leonardo Sanchez, Lidiane de Jesus, Lizandra Magalhães, Luana Lima, Lucas Barboza, Marcos Ribeiro, Marina Reis, Mariana Lins Prado, Mariana Silva, Octavio Weber, Pablo Perez Sanches, Pyter Santos, Rachel Amoroso, Rejane Pereira, Renato Bittencourt, Sara Silva, Silvio Basílio, Suellen Barbosa, Tatiara Melo de Souza, Tina Cassie, Vinicius Silva

NÓS – ARTE E CIÊNCIA POR MULHERES

CURADORIA

Curadoria e Coordenação Geral estúdio M'Baraká [Isabel Seixas, Letícia Stallone, Diogo Rezende]

Consultoria em História da Ciência Magali Romero Sá

Assistência de Curadoria Gisele Billion

Textos Isabel Seixas, Gisele Billion, Letícia Stallone, Magali Romero Sá

PRODUÇÃO

Produção Executiva Izabel Campello, estúdio M'Baraká

Direção de Arte e Expografia Diogo Rezende, Lilian Sampaio

Projeto Executivo Junta Arquitetura [Tatiane Proba, Heloisa Pisa]

Produção Fabia Feixas, Tatiana Belli

Produção de Arte Caio Costa

Assistente de Produção Mara Mabhali

Identidade Visual Thamy Kurosawa

Equipe de Design Eric Bernardo, Julia Pinheiro

Revisão BR75 texto | design | produção

Fotografia de Acervo Rogério von Krüger

Museologia Mariane Tomi

Montagem Fina Daniel Nogueira, Daniel Zagatti, Francisco Celio, Ezequiel Zachs, Juliana Ladun

Pintura Artística Vinicius de Assis

Projeto de Iluminação Anna Turra

Assistência de Iluminação Camila Jordão

Montagem de Luz Santa Luz

Audiovisual Piaf

Impressões Fine Art Casa 2

Comunicação Visual Niutech Soluções em Sinalização

Cenografia FR Cenografia

Coordenação Financeira estúdio M'Baraká [Larissa Victório]

Produção Administrativa estúdio M'Baraká [Gisele Billion, Larissa Victório]

Acessibilidade Daina Leyton (coordenação e formação); Laysa Elias (produção); Danielle França, Gislana Vale (audiodescrição); Caroline Martins, Katia Lucy Pinheiro, Livia Villas Boas, Lyvia Cruz, Naiane Olah, Nayara Silva (Libras); Djana Contier, Maria Paula Correia de Souza (pílulas educativas)

Coordenação Educativa Zebra5

Moldura Moldurax

Transporte Millenium

Seguro Yelum Seguradora

ARTISTAS CONVIDADAS

Ana Teixeira, Antonia Dias Leite, Arissana Pataxó, Berna Reale, Camila Soato, Camila Sposati, Claudia Ferreira, Doralyce, Efe Godoy, Gabriela Noujaim, Hariel Revignet, Heloísa Marques, Katharina Welper, Laura Gorski, Marcela Cantuária, Marika Seidler, Mestra Japira Pataxó, Mônica Ventura, Pa ty Wolff, Priscila Rooxo, Thatiana Cardoso, Yacunã Tuxá

CURADORIA COLEÇÕES CIENTÍFICAS

Butantan [Antonio Domingos Brescovit, Audrea Santos De Santana, Flavia Virgínio, Mariana Soares Popperl, Suzana Fernandes], Museu de Ciências da Terra [Adriana Gomes de Souza, Celia Corsino, Rafael Costa da Silva], Museu Nacional [Alexia de Andrade Granado, Renata Stopiglia], Museu de Zoologia da USP [Maria Isabel Landim, Felipe Alves Elias, Rosângela Celina Cavalcante], Museu dos Povos Indígenas [Bruno Aroni, Eduardo Rocha Barcellos, Munique Cavalcante, Rodrigo Piquet]

AGRADECIMENTOS

Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, Altafonte, Amanda Paschoal, André Pessoa, Arquivo Pessoal Nise da Silveira/SAMII, Biblioteca Barbosa Rodrigues/Jardim Botânico do Rio de Janeiro [Rosana Simões Medeiros], Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin — PROEU/USP, CEDOC/FESPSP, Celma Albuquerque Galeria de Arte, Colmeia22, OREA-PR, Coleção Brasileira Itaú/Itaú Cultural, Dannyele Cavalcante, Edouard Fraipont, Fundação Biblioteca Nacional do Brasil, Fundação do Homem Americano (Fumdham), Fundação Oswaldo Cruz/Casa de Oswaldo Cruz, Instituto Butantan, Instituto Cultural Cultne, Instituto Socioambiental, Julia Zanon, Memória e Movimentos Sociais no Brasil, Musée Curie (Paris), Museu de Ciências da Terra, Museu dos Povos Indígenas, Museu Nacional/UFRJ, Museum of the Earth (Nova York), Nara Roesler Galeria [Alexandre Roesler, Leonardo Rodrigues, Theo Monteiro], Renata Marquez, Revista Piauí, Revista Radar/Fiocruz, Sairi Pataxó, See Red Women's Workshop, Sítio Roberto Burle Marx/Iphan, Victor André Martins de Miranda, Wescla Vasconcelos, Zipper Galeria [Anderson Oliveira, Lucas Cimino, Terenah Stefani]

Índice bibliográfico

A Ciência é Masculina? É, sim senhora — Attico Chassot

A Dominação Masculina: A Condição Feminina e a Violência Simbólica
— Pierre Bourdieu

A (in)visibilidade das Mulheres no Campo Científico — Elisabete Rodrigues da Silva

A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade — Heleieth Saffioti

Cartas a uma Negra — Françoise Ega

Catálogo da Exposição Estratégias do Feminino — Curadoria Daniela Thomas, Fabricia Jordão, Helena Severo, Rita Sepulveda (Farol Santander - Porto Alegre, 2019)

"Cinderellas" of Our Mozambique Wish to Speak: A Feminist Perspective on Extractivism — Teresa Cunha and Isabel Casimiro

Corpo a Corpo com a Mulher — Mary Del Priore

Diário de uma Viagem ao Brasil — Maria Graham

Erguer a Voz — bell hooks

Herbário Graziela Barroso — Roseli de Barros Farias Melo de Barro, José Carlos de Oliveira Abreu (Orgs.)

História das Mulheres no Brasil — Mary Del Priore (Org.)

Imagens da Mulher no Ocidente Moderno — Isabelle Anchieta

Joan Scott e o Papel da História na Construção das Relações de Gênero
— Tatiana Lima Siqueira

Memórias da Plantação — Grada Kilomba

Movimento Negro Unificado: A Resistência nas Ruas — Ennio Brauns, Gevanilda Santos, José Adão de Oliveira (Orgs.)

Os Índios das Águas Pretas: Modo de Produção e Equipamento Produtivo — Berta Ribeiro

O Calibã e a Bruxa — Silvia Federici

O Feminismo Mudou a Ciência? — Londa Schiebinger

O Perigo de uma História Única — Chimamanda Ngozi Adichie

O Poder do Macho — Heleieth Saffioti

O Importante é Transformar o Mundo: Textos Escolhidos de Andayie — Organização Alissa Trotz

O Riso da Medusa — Hélène Cixous

Plants and Empire: Colonial Bioprospecting in the Atlantic World — Londa Schiebinger

Por um Feminismo Afro-Latino-Americano — Lélia Gonzalez

Pele Negra, Máscaras Brancas — Frantz Fanon

Sejamos Todos Feministas — Chimamanda Ngozi Adichie

The Black Woman Cross-Culturally (1981) — Filomina Chioma Steady

Tudo Sobre o Amor — bell hooks

Um Manifesto Feminista pela Vida, ManiFesta em Ação — Políticas para a Crise Socio-Ecológica. Território, Igualdade, Ecologia e Democracia ,10-16 — Teresa Cunha

Um Teto Todo Seu — Virginia Woolf

Um Útero é do Tamanho de um Punho — Angélica de Freitas

Usos e Circulação das Plantas no Brasil — Lorelai Brilhante Kury

REVISTAS

Brasil Mulher (SP) (1980)

A Mensageira: Revista Dedicada à Mulher Brasileira (1897)

O Lar Doméstico: Conselhos para uma Boa Direção da Casa — Vera A. Cleser (1902)

Mulherio (SP) (1981)

Echo das Damas (1879)

Jornal da Mulher (SP) (1930)

A Mulher — *Periodico Illustrado de Litteratura e Bellas-Artes* (Nova Iorque, EUA) (1881)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nós: arte e ciência por mulheres/organização: estúdio M'Baraká; curadoria: Isabel Seixas, Letícia Stallone, Magali Romero Sá e Diogo Rezende. Rio de Janeiro: M'Baraká, 2024.

ISBN 978-65-993362-2-5

1. Artes 2. Artes – Exposições – Catálogos 3. Ciências
4. Feminismo 5. Mulheres na arte I. M'Baraká. II. Rezende,
Diogo. III. Seixas, Isabel. IV. Stallone, Leticia. V. Sá, Magali Romero.

24-219092

CDD-700.74

Índices para catálogo sistemático:

1 Artes: Catálogos de exposições 700.74

Eliane de Freitas Leite – Bibliotecária – CRB 8/8415

IDEALIZAÇÃO

MBARAKA'
experiências relevantes

PARCERIA DE ACERVO



REALIZAÇÃO



22 AGO 2024

— 30 MAR 2025

Quarta a domingo
e feriados

10h — 16h30

Sesc Interlagos

Av. Manuel Alves Soares, 1100

   /sescinterlagos

 /mostra.nosmulheres